BIZZ

ZAPPA ESPECIAL

A última entrevista
Discografia completa
Fotos inéditas

ENTREVISTA EXCLUSIVA

ZZ TOP

"Estamos loucos pra fazer shows no Brasil"

CYPRESS HILL
puxando o coro:
"LEGALIZE IT!"

FAUSTO FAWCETT
As imagens que a TV não mostrou

SMASHING PUMPKINS • PRINCE • ALICE COOPER

ISSN 0102-7042
9 770104 164007 00102

PUSH

PUMA

+ DISC SYSTEM

= DISC TRIAL

+ VENTILAÇÃO

+ PERFORMANCE

= BLAZE

PUMA
TURN IT ON.

EDITORIAL

Música é o quê? É de comer? Tem pra gordo? Vende para quem é de menor?

Essas e outras perguntas "cabeça" aparecem nessa edição, nem sempre assim, ao pé da letra, e nem sempre com respostas à altura. Fausto Fawcett, por exemplo, descobriu que música rima com loiras, em plena Copacabana. Lá no Texas, os caras do ZZ Top chegaram à mesma conclusão. Só que, além de loiras, incluíram carros e motos na jogada.

Para a galera do Cypress Hill, ritmo é só fachada, é carrinho de pipoqueiro. Eles querem mesmo é mudar o mundo e começam apertando o nervo: legalize it! É um pouco a batalha do Smashing Pumpkins, disposta a legalizar a si mesma, uma banda nova que não saiu de Seattle.

"Só estamos nisso pelo dinheiro", falou Frank Zappa certa vez, franco e atirador. É, o Mr. Z morreu, mas a gente acha que suas lições ainda nem entraram no currículo da maioria. O dossiê Zappa desta edição chega na cara dura para tirar o atraso.

E se, enfim, música pra você é apenas produto, consumo, mercado, boas notícias também. A indústria brasileira do disco virou 93 com o gás aberto e não deu conta na demanda. Faltou CD.

OTÁVIO RODRIGUES

BIZZ

Ano 10 – Nº 1 – Janeiro, 1994

20
Billy Corgan, do SMASHING PUMPKINS, diz que não é um cabeça de abóbora

24
FAUSTO FAWCETT filosofa sobre copacabanas, grooves e putaria. E tem uma loira na pia atendendo ao chamado da natureza...

28
CYPRESS HILL deu um tapa na parada pedindo a legalização do bagulho. E não estão nessa sozinhos

35
Dusty Hill, do ZZ TOP, fala sobre o novo disco e rememora a história do power trio que é o orgulho do Texas

42
FRANK ZAPPA zarpou, mas deixou um tesouro musical inigualável. A BIZZ dá uma geral na vida e obra do grande compositor-guitarrista-satirista americano

REPRODUÇÃO: THE YELLOW SHARK

Fotos: Capa ZZ Top[- Divulgação BMG / Frank Zappa - Divulgação / Fausto Fawcett - Reprodução Tadeu

este mês

SHOWBIZZ

6 **A inglesa Gabrielle é rapidinha**
7 **A volta do selo Top Tape, Mutantes em livro**
8 ***Hip Hop Hurra* – Yo! BIZZ raps!**
12 ***Reggae Times***
13 ***Ouça Essa!***
14 ***Garagem*: Independência ou Marte!**
16 **Edu K. em nova armação**
18 **Mix: o que se escreveu sobre música por aí**

AO VIVO

52 **Jerry Lee Lewis, Paul McCartney e Pantera**
53 **Living Colour e Jorge Ben Jor & Tim Maia**

LANÇAMENTOS

54 **Prince**
56 **Bob Dylan, Elton John, Type O Negative, Ramones, Naughty by Nature**
57 **Templum Probus, Shabba Ranks, Meninos do Pelô, Alice in Chains**
58 **Smashing Pumpkins, Inxs, Tad, Paul McCartney, Ara Ketu**
59 **Kate Bush, Third World, Paulinho Moska, ZZ Top, Curt Smith**
60 ***Index*: a lista com todos os discos lançados na temporada**
62 ***Bolsa de Discos* e *Alta Rotação***
63 ***Arquivo Pessoal* e *Parado***
68 ***Vídeo*: Rolling Stones, The Cure, The Who**

ZONA FRANCA

66 **A história do funk na coleção *In Yo' Face***

DISCOTECA BÁSICA

70 **Alice Cooper – *Killer***

CARTAS

72 **Os leitores, suas opiniões e dúvidas**

H.Q.

74 **Os Cannibals partem pra carreira solo!**

showbizz

GABRIELLE CHEGA AO CLÍMAX NUM SEGUNDO

A razão de todo auê em cima da cantora **Gabrielle** é *Dreams*, seu primeiro single. A música, um funk com guitarras acústicas, voou direto pro segundo lugar da parada inglesa. *Going Nowhere*, single seguinte, também não fez feio. Antes de tachar a menina de "fabricada", vamos à sua folha corrida. Vinte e poucos anos, escreve músicas desde os 14 e tem várias passagens em bandas de reggae e rock. *Find Your Way*, o disco de estréia (que deve sair agora no Brasil), mistura boas doses de funk, soul music e tem produtores a rodo. Entre eles estão David **Steele** e Andy Cox, a dupla do Fine Young Cannibals, recém-chegados de uma parceria produtiva com o "padre do soul", Al Green.

LUXO INDEPENDENTE...

O selo **Tinitus**, de Pena Schmidt, repete em 94 a estratégia de seus lançamentos iniciais: manda primeiro uma coletânea (batizada *Dois*) com as estrelas do cast e, na seqüência, o disco "solo" de cada grupo. Entre as novidades desse cartão de visita, a estréia de Nazi e os Irmãos do Blues (sim, o vocalista do Ira!), Worubu, Temperamental (algo como poemas de Décio Pignatari com música de vanguarda de Wilson Sukovski e Lívio Tratenberg), o hardcore do Anarchy Solid Sound e o reggae do Nomad (tem mais sobre estes dois nesta página). A coletânea traz ainda uma nova faixa dos primeiros contratados do selo (Yo-Ho-Delic, Bel, Virna Lisi, Off the Wall e Beijo Aa Força).

...COM UMA PORRADA HONESTA

Eis acima a capa da coletânea *Dois*. E como a BIZZ antecipou, essa também é a vez da banda carioca **Anarchy Solid Sound**, que fechou com o selo Tinitus. O hardcore de Jota (vocal e guitarra), Roberto (bateria) e Bento (baixo) aparece em "Corrosion of Conformity", destaque do disco *Be Honest...*, que sai em fevereiro.

Roberto e Renata vêm cheios de novidades

TOP TAPE DE VOLTA

Após uma parada de seis anos, a **Top Tape** aposta no reaquecimento do mercado de discos e anuncia seu retorno. Em tempos mais gloriosos, a gravadora teve o catálogo da Motown e lançava os enredos do carnaval carioca. Nesta nova fase, a Top Tape está sendo tocada por **Roberto** e **Renata**, 22 e 19 anos, filhos de José Rosenblitz, que fundou o selo no final dos anos 60. Entre os lançamentos desse rides again, estão um "*best of*" dos enredos das escolas de samba e *Afoxé*, disco do saxofonista Ernie Watts com Gilberto Gil. Mais: a Top Tape adquiriu os direitos de selos estrangeiros como *CTI* e *Quality*, especializados em rap, jazz e new age. Ainda na pauta de novidades, nomes como os grupos Big Mountain (reggae), Phunk Junkeez e 95th South (rap).

Rica Caveman (de óculos) & turma acendem o fogo paulista do reggae

...E NOMAD PRONTO PRA RODAR

Após quatro anos de batalha, o **Nomad** finalmente decolou. O disco de estréia da banda, via *Tinitus*, chega às lojas em fevereiro, com produção de Nando Reis (Titãs) e mixagem de Paulo Junqueiro (Skank, Ira! e outras feras). A cria mais nobre da cena reggae de São Paulo é uma invenção de Edu Diegues (teclados), Paulo Bira (baixo), Aldo Barreto (bateria), Pedro Mangabeira (guitarra) e, claro, do talentoso vocalista Rica *Caveman*, um *entertainer* nato que costuma acender a galera nos shows. O som do Nomad está antenado com o que rola de mais moderno no reggae: efeitos, rap e versões explosivas de clássicos como "Stand by Me" (John Lennon) e "Knock on Wood" (Eddie Floyd). As letras (bom achado) dispensam tradicionais clichês e favelices comuns ao gênero, falando de coisas que têm mais a ver com o dia-a-dia da moçada. Fique de olho nesses caras porque eles vão fazer barulho.

MUTANTES VIRAM LIVRO

Em breve você saberá o que Nirvana, L7 e outros bacanas viram e ouviram nos Mutantes. O jornalista **Carlos Calado**, da *Folha de S. Paulo*, prepara uma biografia da banda. Calado entrevistou diversas pessoas ligadas ao grupo, além de ex-integrantes como Rita Lee e os irmãos Baptista.

O livro, sobre os Mutantes sairá pela editora carioca *34* e deve estar nas livrarias no segundo semestre deste ano, mesma época de lançamento da história do reggae assinada por outro veterano das redações, Carlos Albuquerque, do jornal *O Globo*.

Calado conta os segredos dos Mutantes

hip hop hurra

THAÍDE APRONTA EM SELO SURPRESA

O novo trabalho dos gigantes **Thaíde e DJ Hum** sai em janeiro e vem por um selo independente surpresa (rolaram desacordos com a TNT?). Este 4º LP da dupla contém pitadas de soul e jazz, e letras sociais e políticas com o enfoque do povo da periferia. E os caras pregam a valorização da vida. !0!

Thaíde e DJ Hum, num momento relax, pensando na sua próxima criação

A CANJA DOS GRANDÕES DO RAP

O pessoal lá fora vem dando exemplo novamente. Nos shows de rap de grupos já consagrados, os big-boys estão chamando os novos pra dar uma canja. **Ice Cube** é um que por onde passa dá oportunidade pros locais abrirem seu shows.

EPMD FOI PRO SACO

O **EPMD (Erick and Perish Making Dollars)** já virou *history*. Rolaram altos desentendimentos e depois de quase seis anos juntos é o fim. O que perdemos? O grupo vinha muito bem, ouça os discos *Unfinished Business* e *Business as Usual* e verás. O que ganhamos? **Erick Sermon**, uma das metades da dupla, está lançando um senhor álbum – que na próxima vos contarei.

RAP EM CADEIA

E a onda policial continua... Depois de **Snoopy Doggie Dog** (acusado de matar um rapaz a tiros) e **Dr. Dre** (que supostamente atirou em dois policiais em Atlanta e hoje vive em prisão domiciliar), chega também a vez de **2PAC (ex-Digital Underground)**. Ele está sendo processado e vai ser julgado por ter atirado em policiais à paisana e estuprado uma bela jovem.

Eduardo Bid

Dinho (ao centro) celebra o encontro de Hendrix e Stooges

DINHO INDEPENDENTE

Mesmo a galera mais mainstream do rock nacional tem seu dia de alternativo. **Dinho Ouro Preto**, ex-Capital Inicial, caiu na vida, catou alguns gatos pingados do mundo alternativo (como Kuaker, ex-guitarra do Yo-Ho-Delic, e Mingau, ex-Inocentes) e montou o grupo Vertigo. O primeiro disco deve sair pelo selo *Rock It*, patrimônio de Dado Villa Lobos (manjas Legião Urbana?).

A banda, nas palavras do próprio Dinho, "faz um som pesado, sujo e bem tocado. Às vezes soa um cruzamento entre Jimi Hendrix com Stooges e Ramones", diz ele.

Os japas cresceram os olhos no som do Angra

METAL BRASILEIRO ESTOURA NO JAPÃO

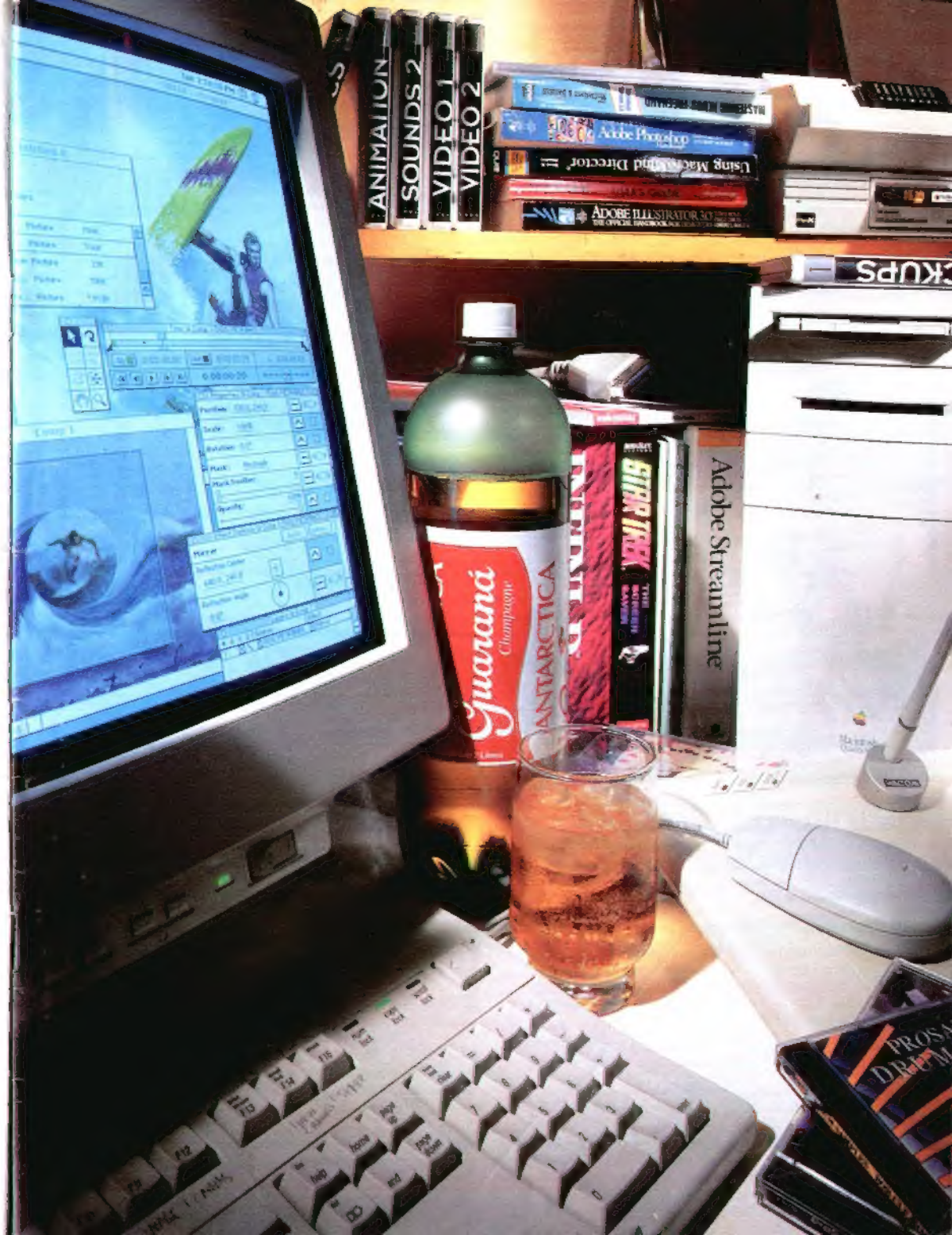
Angra é o novo projeto de André Matos, ex-vocalista do Viper, que já chega arrebentando com o CD *Angels Cry*, sucesso no Japão. O som da banda é um cruzamento de Iron Maiden com música clássica, como o Viper de anos atrás. "Estamos menos crus que o Viper", comenta André. *Angels Cry* vem puxado pela regravação de "Wuthering Heights", sucesso de Kate Bush, e está em terceiro lugar no ranking dos japas: "Perdemos apenas para Boyz II Men e Mariah Carey". Animadão com o novo projeto, André nem pensa mais em ser vocalista do Iron Maiden (seu nome está entre os 20 selecionados pela banda para substituir Bruce Dickinson): "Estou torcendo pra eles não me chamarem".

M2000
INTERNATIONAL

CHIPS C/ GUARANÁ

ANTARCTICA Guaraná Champagne

ESTE É O SABOR



Reggae Times

PELÉ E COUTINHO DO RAGGA

Ilustração sobre foto: Paulo Vianna

Chaka & Pliers: eles são um gol certeiro ns area do reggae

Vem aí uma nova versão de "*Tease Me*", CD da dupla **Chaka Demus & Pliers**, o Pelé e Coutinho do raggamuffin. O disco, que por enquanto sai apenas no exterior, ganha como bônus uma versão racha-assoalho de "Twist and Shout", um dos sucessos dos Beatles, além da inedita "Gal Wine". A produção é de Sly and Robbie, outra "duprinha" consagrada do reggae.

UM DISCO PRA DADDY TOSH

Andrew Tosh, filho você sabe de quem, fez um disco em homenagem ao velho. *Andrew Sings Tosh* tem oito músicas de Peter e mais duas do filhão mesmo. A produção é de Bunny Wailer, tio de Andrew.

GRAVADORA DISPENSA ZIGGY

Ziggy Marley foi demitido da *Virgin*, por não estar vendendo nada. Outro motivo da dispensa seria o "*Jamaican style*" do rapaz, que vinha se recusando a sair para promover seus discos.

LAZZO VEM AÍ

O cantor baiano **Lazzo Matumbi**, um dos melhores gogós do reggae nacional, está dando os toques finais em seu novo disco, gravado com a *Oneness*, banda do *brother* Jimmy Cliff. A produção foi *mezzo* Jamaica, *mezzo* Bahia.

SÉRGIO MARTINS

Mistérios rondam a morte do grande guitarrista

POLÍCIA ENTERRA CASO HENDRIX

Vinte e três anos depois, a polícia inglesa chegou a uma conclusão sobre a morte do guitarrista **Jimi Hendrix**. O cara morreu acidentalmente, sufocado pelo seu próprio vômito, depois de ter se entupido de remédios para dormir. O caso havia sido reaberto por causa das denúncias de Kathy Etchingam, uma amiga do maior guitarrista de todos os tempos. Ela chegou a reclamar do atraso da ambulância que socorreu Hendrix.

Flea vai ter que soltar a língua para os tiras americanos

ROQUEIROS VERSUS POLÍCIA

A galera do rock decidiu brilhar nas páginas policiais. Os tiras americanos investigam o envolvimento do **Chili Peppers**, junkies canibados, na morte do ator River Phoenix, que morreu entupido de drogas pesadas em outubro passado. A banda estava tocando no Viper Room – clube onde Phoenix se acabou – durante a noite infernal. O baixista **Flea** foi um dos que acompanharam o ator na ambulância. **Eddie Vedder**, vocalista do **Pearl Jam**, foi preso num boteco em Seattle depois de, mamadão, sortar um cara que ousou criticar a banda. Além da prisão, Vedder sofreu cortes no beiço e na cabeça. Outro encrenqueiro famoso, o cantor **Ice-T** arrumou arenga com uns tiras em Milão, porque o cara insistia em cuspir no rapper.

OUÇA ESSA

"Bill Wyman transou com uma menina de 13 anos e ninguém viu nada de errado nisso"
Neil Tennant, do Pet Shop Boys, comentando a suposta tara de Michael Jackson por criancinhas

"Apesar de famoso, as pessoas ainda olham para mim pensando eu eu amarro minha mulher na cama e bebo o sangue dela "
Max Cavallera, Sepultura

"Mesmo que eu seja gay, me reservo o direito de acordar desejando um bom par de peitinhos."
Richard Fairbrass, do Right Said Fred

"Eu vivo driblando esse papo de sexo seguro. Como eu vou mandar uma pessoa usar camisinha se eu não uso?"
Iggy Pop

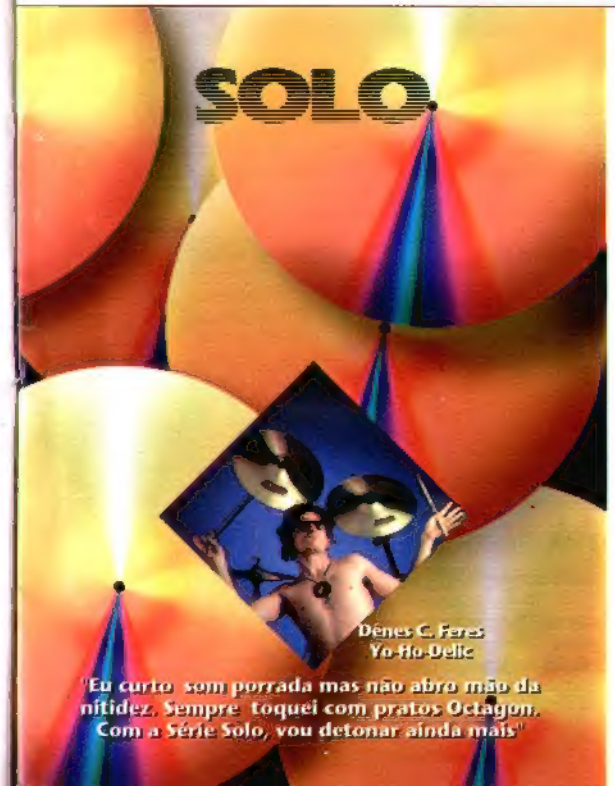
"Meu marido, Yoko Ono"
Courtney Love apresentando o marido Kurt Cobain à galera.

"Não voltaria aos Smiths mesmo se me pedissem. A imagem de Morrisey dançando é datada demais para mim"
Mike Joyce, ex-baterista dos Smiths

Iggy Pop, o roqueiro politicamente incorreto

"Eu nunca gostei do U2. Bono passou tanto tempo com messianismo e, quando descobriu que era um chato, disse que tudo não passava de ironia da parte dele"
Robert Smith, do The Cure

"Minha mãe não achou nada de mais. Só a minha sobrinha de 18 anos achou um pouco pesado"
Lisa Stanfield, sobre a reação da família com sua nudez no video Time to Make You Mine



Octagon Série Solo.
Um prato cheio pra você detonar.

A Octagon está lançando a Série Solo. Uma linha de pratos muito mais resistente e que dá aquele brilho no seu som. São cinco modelos: Hi-Hat 13" e 14", Crash 16" e 18" e Ride 20", todos produzidos em liga de bronze. Com a Série Solo, os bateras brasileiros têm à mão uma linha de pratos com o mesmo pique dos melhores produtos importados. Se você estava com fome de um bom prato, se liga: prato para batera ou é importado ou é Octagon Solo.

OCTAGON

Rua André Casado, 258 - Pompéia - São Paulo - SP
CEP 01259-040 Tel.: (011) 263 - 4679

Garagem

Garagem pergunta: o que será que entrava o desenvolvimento da cena independente brasileira? Aí vai o capítulo um... Escreva e opine: BIZZ, a/c Gabriela Dias, av. Nações Unidas, 5.777, São Paulo/SP, 05479-900.

É FRESQUINHO PORQUE VENDE MAIS OU VENDE MAIS PORQUE É FRESQUINHO?

A lógica deste *slogan* poderia se aplicar à relação bandas novas brasileiras/espaços pra show: a maioria delas é amadorística porque não há lugar bom onde tocar ou não há lugar bom porque as bandas são amadorísticas?

O fato é que as bandas, hoje, são de tal nível que fica difícil não "culpar" as casas de show. Os muitos selos e gravadoras indies surgidos de 92 pra cá (e que ainda não dão conta do recado de lançar tanta coisa boa) não me deixam mentir.

Pois bem: muitas bandas legais, alguns selos idem. Contraste: casas de show precárias (palcos minúsculos, aparato ridículo de som e luz). Os "inferninhos" têm lá seu papel mas, sem boas casas, as bandas não ganham experiência de palco e continuam sofrendo, por exemplo, com problemas como má equalização.

Mas já apareceu a tal luz no fim do túnel: o Garage Rock (tel.: 011/814-2072) tem 12m de boca de palco, mesa de 24 canais e lotação de 500 pessoas. Sua proposta: ser a "casa do rock underground dos anos 90". Espero que a fórmula se espalhe.

DIVERSÃO AO QUADRADO

Soutien Xiita é uma banda zoada que, misturando funk metal, hardcore, thrash e punk, supera muita gente pretensiosa. *Sex and fun* (a última demo), gravada em DAT em junho de 93, tem dez músicas com títulos como "Let's Fuck 'till Death".

Divertidíssimo.

Escreva: Soutien Xiita - a/c Leonardo (tel.: 021/352-2792)
Rua Líbia, 142/105 - Rio de Janeiro/RJ - 21210-780

QUERO ZINES!

Poucos zines chegando à revista. Os zineiros estão em férias de fim de ano ou o quê? ZINE-SE..

GRAVADORA NA ÁREA

A Polvo Records lança os cariocas X-Rated (hard rock), Big Trep (rockabilly) e, provavelmente, Beach Lizards (guitar noise). Junto com outra empresa, edita a coletânea *Brasil Alternativo* (só pra rádios, gravadoras e imprensa), que tem um número pronto e um segundo em produção. Pra participar, é só ter 175 dólares e ligar para (021) 235-3845 (Philip). Detalhe: todos os lançamentos são em CD.

GABRIELA DIAS

(**Importante:** mande sempre um envelope grande, endereçado e selado para resposta quando escrever pra bandas ou zines. Correio é muito caro pra quem manda carta a toda hora.)

Pelé dribla os rolos para trazer o brother Bono ao Brasil

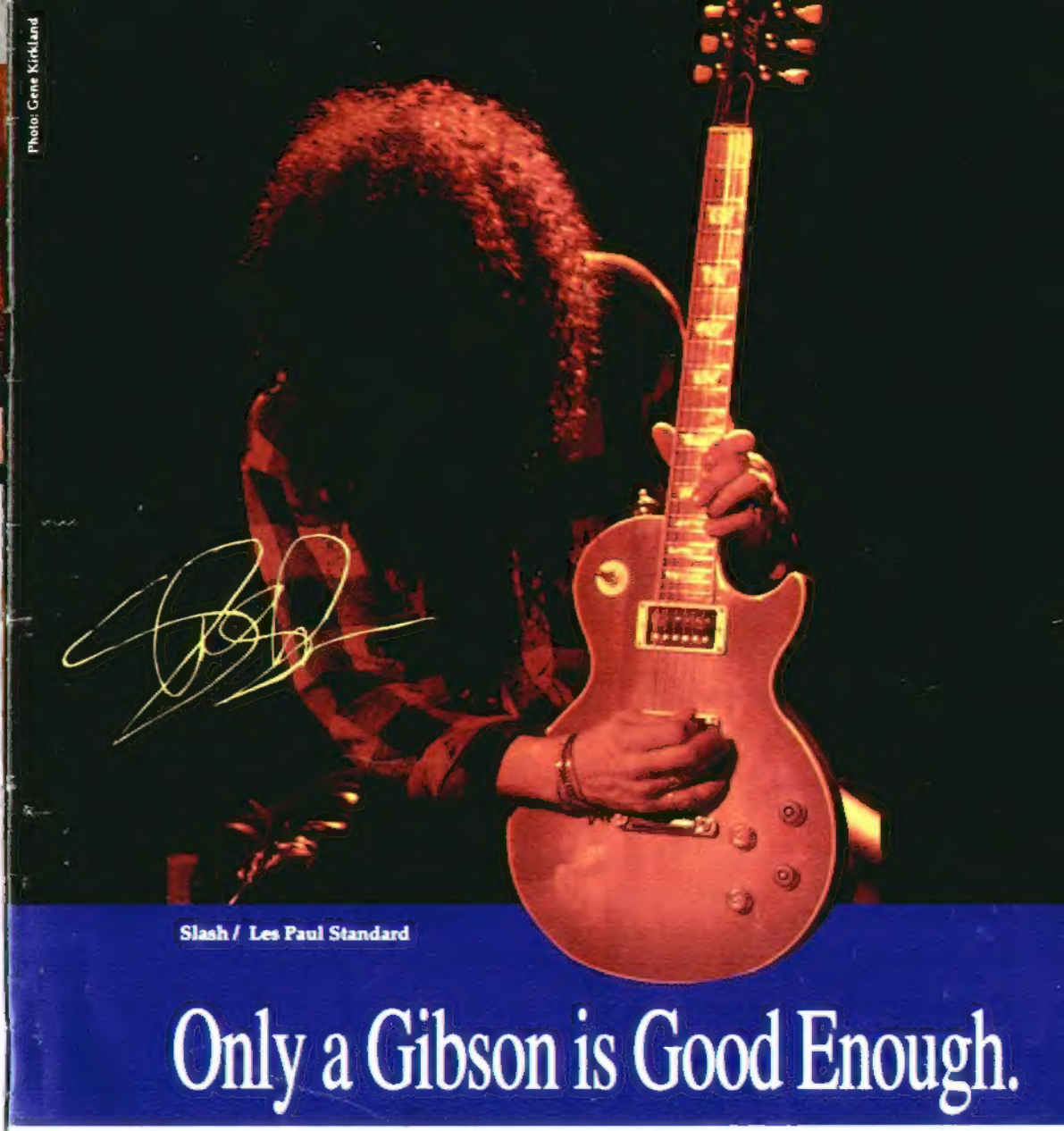
REI DO FUTEBOL PODE TRAZER U2 AO BRASIL

O grupo irlandês U2 pode dar shows no Brasil, trazidos nada menos por Pelé, o rei do futebol. Pena que Pelé só poderá pensar no assunto depois da Copa do Mundo deste ano, que rola em Los Angeles. O rei anda tão ocupado que nem pôde atender aos insistentes pedidos da BIZZ, para que relatasse o encontro dele com o vocalista Bono Vox num hotel em Dublin, Irlanda. Reza a lenda que Bono teria reconhecido Pelé e implorado para que o eterno camisa 10 da seleção desse um jeitinho do U2 tocar no Brasil.

Edvaldo traz no olhar a magia das noitadas blue

O UIVO DO LOBO

Edvaldo Santana faz blues, mas não sou Mississipi. Toca reggae e não tem nada de Jamaica. Ele mistura a voz – que é cansada de fumaça e muitas noitadas – a parcerias inteligentes: Paulo Leminski, Arnaldo Antunes, Haroldo de Campos. Nas horas vagas, ele grava discos. *Lobo Solitário*, pelo selo Camerati, rodando por aí.



I.P.A. INSTRUMENTOS MUSICAIS
SEMPRE À FRENTE DE NOSSO TEMPO

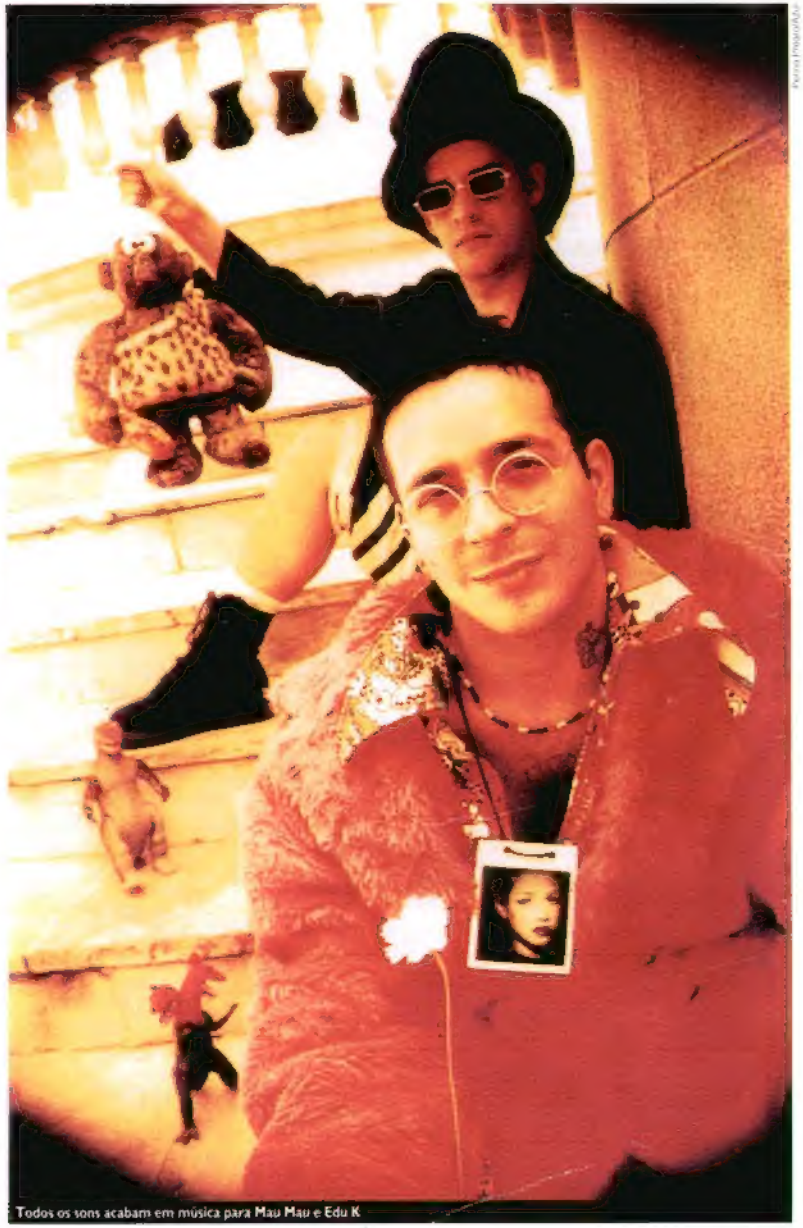
DISTRIBUIDOR AUTORIZADO
COMPRE EM ATÉ 5 VEZES
1 ANO DE GARANTIA
Rua Teodoro Sampaio, 770
Tels.: (011) 282-5653 / 881-1515
Fax: (011) 64-3430 - CEP 05406-000
Pinheiros - São Paulo - SP

Gibson USA ®
DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO Nello

PANTERA DÁ BOLA FORA NO BRASIL

Fotos: Luciana de Assis

Vinnie Paul, baterista da furiosa banda de thrash metal Pantera, arriscou jogar golfe no Brasil e olha só no que deu: o cara não acertou uma, dando o maior vexame no campinho. Melhor para o Vinnie é ficar detonando a sua bateria, onde ele não erra um golpe.



Todos os sons acabam em música para Mau Mau e Edu K

Fotos: Divulgação

A NOVA ARMAÇÃO DE EDU K

Edu K, vocalista do DeFalla, se juntou ao DJ **Mau-Mau** pra detonar um projeto de techno hardcore. As músicas, quase sem vocais, contam com samples que vão de Donna Summer a The Prodigy. Os primeiros cobaias dessa nova experiência foram os frequentadores do Columbia, em São Paulo: a apresentação teve direito a videogames de última geração, computadores e toda uma parafernália futurística.

GRAVADORA ENFIA O PLUG DE NOVO

Boa notícia: a BMG vai reativar o selo **Plug** que em sua primeira versão, em 87, revelou Engenheiros do Hawaii e De Falla.

O Plug será capitaneado por **Maurício Valladares**, DJ, jornalista, fotógrafo e farejador de talentos. Maurício aposta em duas tendências de música: a pesada e que tenha groove. Os primeiros lançamentos deverão ser despejados nas lojas em abril. Até lá, quem se encaixa no pensamento dele que mande a primeira demo.

Linton no batuque do Olodum

UM REPENTISTA DO REGGAE NO BRASIL

Linton Kwesi Johnson, o papa da poesia dub, virá ao Brasil para ser homenageado no Festival de Música do Olodum, que rola de 21 a 23 de janeiro, segundo Billy Arquimimo, diretor de relações internacionais do Olodum.

A redação da **BIZZ** tentou freneticamente falar com Linton, que apenas deixou recados em sua secretária. Pode ser que o poeta dê shows em outras capitais do país como Sampa e Rio.

Clapton: um dos mais-mais nos funerais

AS MAIS TOCADAS EM VELÓRIOS

1. "I Will Always Love You" **Whitney Huston**
2. "My Way" **Frank Sinatra**
3. "Tears in Heaven" **Eric Clapton**
4. "Heal the World" **Michael Jackson**
5. "Stairway to Heaven" **Led Zeppelin**
6. "Hunger Strike" **Temple of the Dog**

BIZARRE RECORDS
UNDERGROUND SOUNDS & MORE
CD's - VÍDEOS - DISCOS
NOVIDADES - RARIDADES
GRAVADORAS INDEPENDENTES
DESPACHAMOS PARA TODO O BRASIL
Rua 24 de Maio, 116 - R. A. Lj 11 - Tel: (011) 220-7933
São Paulo - SP - CEP 01041-000
Rua Senador Fleguer, 186 - Santo André - CEP 09010-160

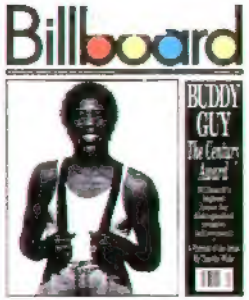
BIZZ
PARA ANUNCIAR LIGUE:
(011) 816-7866
Ramal 304
EDITORA AZUL

PAI DO ROCK
INSTRUMENTOS MUSICAIS
VENDA • TROCA • CONSIGNAÇÃO
NOVOS E USADOS
(NACIONAIS E IMPORTADOS)
ATENDEMOS TODO O BRASIL
Rua Teodoro Sampaio, 865 - Tel: (011) 883-6779
Rua Teodoro Sampaio, 763 Lj. 17 - Tel: (011) 851-1651
CEP: 05405 - Pinheiros - SP

O ROCK VIROU A PÁGINA
DISK MUSIC
(011) 262-7544
FAX: (011) 262-7198
De A a Z Tudo Em Instrumentos Musicais e Acessórios Nacionais e Importados.
ATACADO E VAREJO
despachamos para todo o Brasil pelo correio
VENDA • TROCA • CONSIGNAÇÃO
Rua Coriolano, 297 • Lapa
São Paulo - SP - CEP 05047-000
Estacionamento próprio
NEW Festival INSTRUMENTOS MUSICAIS LTDA

MIX

O balanço da mídia



O Bluesman do Século

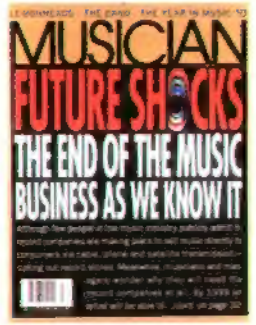
Buddy Guy ganhou da *Billboard* o Century Award, prêmio instituído em função do centésimo aniversário da publicação, a ser comemorado este ano. O bluesman, que deixou sua marca em Jimi Hendrix, Eric Clapton, Eddie Van Halen, Jimmy Page, Jeff Beck e muitos outros, ganhou um belo perfil do editor da revista,Timothy White (autor de *Catch a Fire*, a biografia de Bob Marley), que justificou: "Não conseguimos pensar em nenhum outro artista além de Buddy Guy que merecesse o mais respeitável símbolo de aprêço, O Prêmio do Século".

Os Presidentes

Enquanto a *Rolling Stone* de dezembro veio com **Bill Clinton**, o presidente americano que fumou mas não tragou, a *Pulse!* do mesmo mês foi de **George Clinton**, o presidente da Nação Funk que detona todas. E pensar que a *RS* já foi a publicação anti-sistema por excelência...

Nada Será Como Antes

O futuro da indústria fonográfica foi tema de capa da *Music Week* (27 de novembro) e da *Musician* (dezembro). As novas tecnologias começaram a mudar o



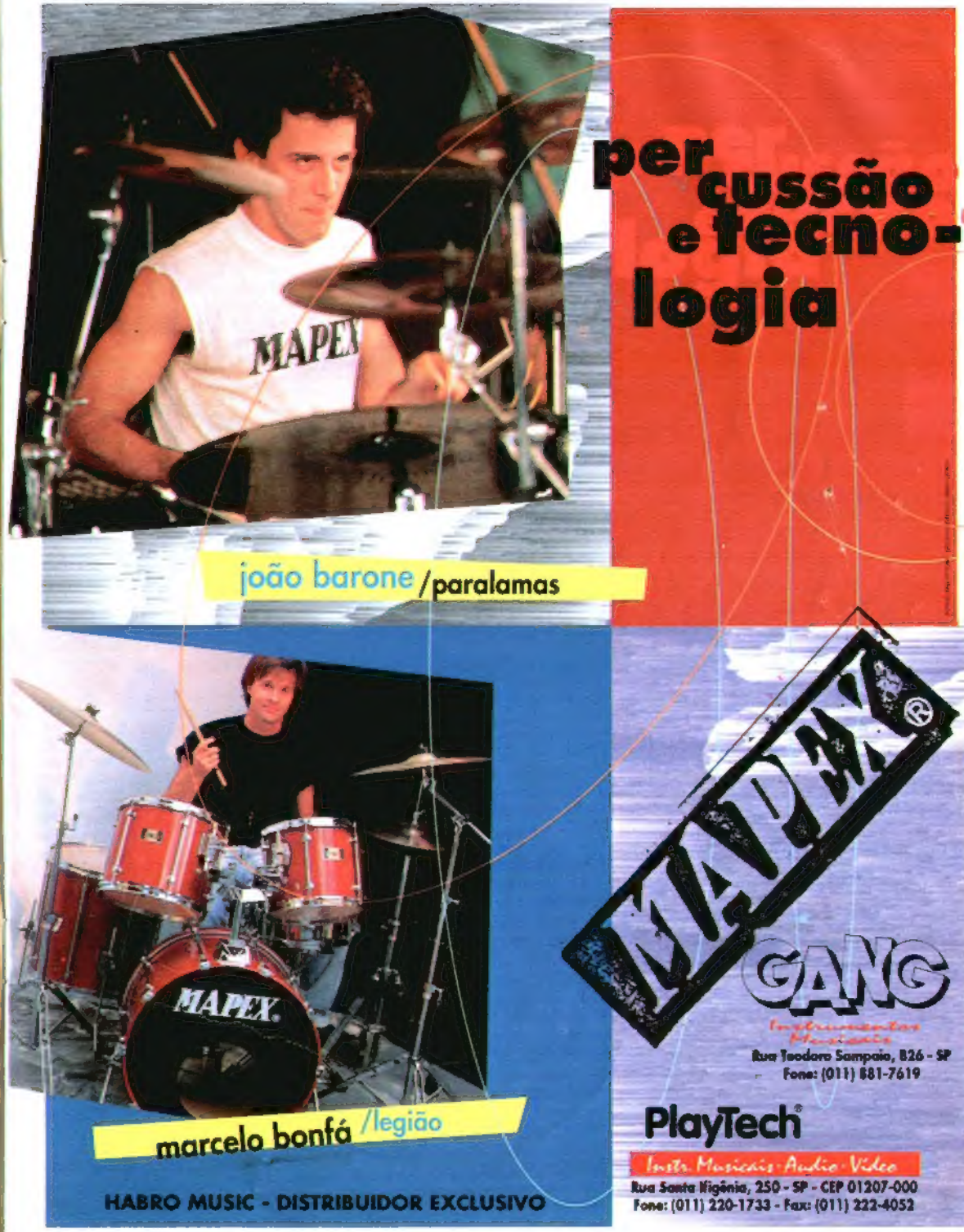
negócio da música, que logo estará sendo vendida diretamente aos consumidores via cabo, telefone e satélite. Os Estados Unidos já entraram nessa. Desse jeito, logo músicos e produtores não irão mais precisar das gravadoras para vender seu peixe.

Gen e os Torturadores

A semanal *Kerrang!* destacou a banda americana **Genitorturers** em sua capa de 20 de novembro. Pra justificar as baixarias sadomasoquistas que fazem no palco – como urinar no público –, **Gen Genitorturer**, a loira e chefe do circo de depravados, disse à revista inglesa: "Nós representamos uma subcultura que tem sido empurrada para o underground, porque na cultura ocidental nós temos um problema com a sexualidade". Oh, céus, o que é preciso fazer para vender discos...

Uma Nova Tendência Editorial?

Como aparecer na capa da *Rolling Stone*? Ser uma lenda do rock ajuda, mas ficar pelado ajuda mais ainda – basta ver as últimas edições da revista com Red Hot Chili Peppers, Laura Dern, Janet Jackson e Blind Melon. A paródia abaixo, com **Jerry Garcia** e **Bob Weir**, foi publicada pela *Request* de dezembro. Se a tendência continuar, brinca a *Request*, talvez logo tenhamos um "MTV Unclothed".



O Smashing Pumpkins seria apenas mais uma banda com nome hortifrutigranjeiro? A BIZZ encontrou o cabeça das Abóboras, Billy Corgan, em plena Casa da Zona e... Bem, esta é sua última chance de saber a verdadeira verdade

AFINAL, QUEM SÃO ESSAS ABÓBORAS ESMAGADORAS?

"Venho travando uma luta contínua contra a mídia", diz Billy Corgan, voz, guitarra e cérebro do quarteto Smashing Pumpkins, a mais celebrada banda a sair de Chicago nos últimos dois anos. Billy recebe seu algoz – a mídia – num salão do Hyatt House, o mesmo hotel de Sunset Strip celebrizado pelo apelido de Riot House (A Casa da Zona), adquirido por causa das passagens turbulentas do Led Zeppelin por ali nos anos 70.

Desde que formou o Smashing Pumpkins, em 1987, Billy iniciou uma corrida de obstáculos que, por assim dizer, está longe de terminar. Quando o grupo surgiu em Chigago, foi posto de lado pela imprensa rock local (e mesmo pelos colegas músicos) por não pertencer a nenhuma das tribos predominantes. E agora – depois que seu segundo álbum, *Siamese Dream*, produzido pelo Midas de Garagem Butch Vig, estreou no 10º posto da parada da *Billboard*, depois que a banda virou darling da MTV e depois de uma apresentação consagradora no programa *Saturday Night Live* em pleno Dias das Bruxas – os Pumpkins ainda precisam enfrentar a incredulidade de alguns e o pouco-caso de outros. Até porque *Siamese Dream* marca o início de um contrato com a Virgin Records, após passagens pelos independentes Caroline (por onde lançaram o primeiro álbum, o aclamado *Gish*), Sub Pop e Limited Potential.

"Existiam diferentes cenas em Chicago, e não nos identificávamos com nenhuma delas", explica James Iha, guitarrista e cúmplice de Billy na formação da banda. "Havia a turma do (selo de rock industrial) Wax Trax, as bandas (do selo art punk) Touch and Go e (as do selo) Noise, bandas da garagem do centro-oeste. E porque não nos encaixávamos em padrão algum, a imprensa de Chicago não resenhava nossos shows. Com o sucesso de gente como Urge Overkill e Liz Phair, de repente estão falando que algo de novo está acontecendo em Chicago. Agora nos tratam melhor, mas nem tanto."

"Aqui em Los Angeles", explica Corgan, "todo mundo conhece alguém famoso ou foi à escola com a irmã de alguém famoso. As pessoas são vidradas no star system de Hollywood... Em Chicago os pais dos seus amigos trabalham em fábricas ou em empregos normais. Crescer dessa maneira, sonhando em trabalhar em algo artístico, torna-se ainda mais difícil, porque não é o tipo de coisa que você deveria estar almejando lá. O que se almeja lá é se formar numa universidade e arrumar um bom emprego. Tudo isso, então, faz parte do nosso caráter."

Antes de existir fisicamente, o Smashing Pumpkins já existia na cabeça de Billy, quando ele ainda estava tocando no Marked, grupo heavy metal da Flórida ou já em Chicago, a Terra das Limitações. "Tinha na cabeça um ideal quase mítico de banda versátil, capaz de diferentes tipos de música. E que fosse verdadeira, genuína, que não se colocasse acima do público, se achando mais inteligente e bonita que as outras. Superamos limitações pra fazer boa música."

"Demos o maior duro", ele conclui, "não há nada de romântico na nossa trajetória. Fomos uma banda obscura durante dois anos e meio. Existimos há cinco, não tem o menor procedimento a noção de que teríamos virado sensação da noite pro dia. Passamos frio, dormimos no chão, viajamos de furgão por todo o país, tudo isso antes que prestassem alguma atenção na gente."

Ajudou nisso a maneira como a chamada música alternativa, de oposição, começou a virar situação em alguns setores do mercado. E que mercado! "A música alternativa virou um ótimo negócio", diz Billy. "E, historicamente, os Led Zeppelins, Black Sabbaths e Cheap Tricks do mundo foram as bandas alternativas de sua época. À medida que o gosto popular vai se expande internacionalmente, passa a incorporar world music e música alternativa. Não me incomoda ser bem-sucedido comercialmente, desde que se atinja esse sucesso nos próprios termos."

"Mas as pessoas também perdem a perspectiva", Billy reconsidera. "Cinco anos atrás, uma banda alternativa que vendia bem, vendia 250 mil discos. Agora você tem bandas alternativas vendendo quatro, cinco milhões de discos. Por outro lado, as bandas que continuam vendendo 250 mil discos ainda têm um impacto muito grande, bandas como Sonic Youth e Dinosaur Jr. No passado, nosso ideal era ter a metade do sucesso de um Echo & The Bunnymen ou de um The Cure. Bandas como essas ou como Bauhaus, era disso que nós e nossos amigos gostávamos, e era esse tipo de público que pretendíamos atingir. Pra nós Soundgarden era uma banda famosíssima. Mas o mundo mudou, e o público comprador de discos mudou."

Qual é o limite de sucesso de uma banda? "Não há limites", responde Billy. "É uma questão de dar ao público as opções. Minha geração não tinha muito o que ouvir no rádio, então se bandeou para o heavy metal. Mas a geração de hoje tem a MTV e tem mais escolhas do que optar por um quarentão de calça apertada cantando sobre coisas que na verdade nunca aconteceram – as bandas-merdas do mundo. É uma geração que prefere um Nirvana ou um Pearl Jam. Está na cara que eles escolhem as bandas que representam a maneira como se sentem em relação ao mundo."

José Emílio Rondeau

Da esquerda pra direita: James Iha (guitarra), Chamberlin (bateria), Corgan (vocal e guitarra) e D'arcy (baixo).

A FARRA DO FAWCETT

por OTÁVIO RODRIGUES
e CLÁUDIO CAMPOS

Tinham nos contado que pra encontrar o Fausto era só ir até o Cervantes, um bar seboso em Copacabana, famoso por seus sanduíches e freqüentadores incomuns. À noite lá estávamos, não exatamente nesse endereço, mas garantidos por rodadas de chop e goles de Underberg. Na conversa, Fausto filosofou sobre seu universo: louras, submundo, grooves, besteirol, copacabanas, delírios, putaria, palavras e diversão

Hoje quase não dá pra separar o nome Fausto Fawcett das louras. Quando essa onda começou?
Primeiramente, era DJ e banda. Eu aí falei no meio do palco pô, então vamos botar umas louras também. A gente conheceu as meninas, que estavam dispostas, eram bailarinas, bonitas gostosas, com um exibicionismo nato. E por incrível que pareça tem um rigor na escolha, tem que ser bailarina, tem que ter umas aptidões

Mas não foi aí que elas pintaram, quer dizer, foi antes
Em 87 a gente tentou fazer isso, quando a (música-personagem) Kátia Flávia estourou, a gente reuniu umas quatro garotas pra fazer, mas acabou não vingando porque foi tudo muito atropelado naquele ano. A Kátia Flávia estourou e a gente correu atrás da Kátia Flávia, entendeu? Agora, no show *Básico Instinto*, foi o contrário, as coisas estão rolando de uma forma maisssss .. serena. Serena não, mas certeira. Acertamos o show, aí veio o disco, o programa de televisão *[série de sete especiais na TV Bandeirantes, em nível nacional]*, a história em quadrinhos, o livro. Tá muito mais consistente o trabalho

Mas desde o show *O Império dos Sentidos*, quando rolavam aqueles vídeos da Cicciolina com dois caras na boca, parece que existe uma intenção atrás de tudo isso, de você estar a fim de sacanear a cabeça dos outros, usar esse apelo sexual pra chamar atenção, chocar as pessoas
Errado. Não existe choque. Não existe intenção de "eu vou fazer isso, por isso, por isso..." O cara pode dizer "porra, tu deu o golpe das louras". As louras é que me deram um golpe

Muita gente achou que era só baixaria
É engraçado, porque depois da Cicciolina, que podiam até achar que era baixaria, entramos na Sílvia Pfeiffer, que naquela época não era uma pessoa tão conhecida, era restrita ao universo da moda. O *Império dos Sentidos* era um espetáculo cabeça porque era símbolo o tempo todo, com essa dicotomia Cicciolina, Sílvia Pfeiffer. (Aliás as cenas da Cicciolina que passavam ali não existe em nenhum outro filme pornográfico é piroca, cu e buceta, entendeu? Pá, pá, pá, pum, pum, pum!) Ali tava a revista *Hustler* junto com a revista *Vogue*. Porque no fundo, meu filho, a Cicciolina, a Sílvia Pfeiffer, a Savannah, a Georgia Wortmann, a Cindy Crawford, todas têm o mesmo grau de provocação. Porque as modelos aparecem maravilhosas em desfiles de moda mas, porra, isso é uma ironia, é um delírio! E as outras, cara? Chupam três paus ao mesmo tempo, fazem não sei o que, vibram com aquele negócio... São coisas que tão fora do cotidiano. Então eu digo: uma manequim, uma grande modelo, equivale também a uma grande atriz pornô

Como nascem as músicas?
Pra mim, palavra é como se fosse groove, um slogan. O que interessa é uma conjunção legal entre a batida e a palavra. O Laufer *[guitarrista, maestro da banda e parceiro de Fausto desde a era mezozoica]* senta, fica numa levada e eu ali. Eu chego com várias anotações, ele fica repetindo a levada

Suruba faz parte desse processo de criação?
Poderia rolar, normal, mas não rola. Aquilo ali é trabalho. A gente até se apaixona na hora de fazer a música pra elas, entra numas – vamos usar essa expressão. O que acontece é um misto de trabalho com a sensação que a garota passa. É uma paixão que você inventa, é aquela coisa do "todo poeta finge"

O que você ouve em casa?
Xuxa, Rolling Stones, Schubert, Bach... Eu juro por Deus, eu

ouço Xuxa! Quando eu tinha 13 anos sabia os grupos de punk rock da Suécia da Dinamarca mas hoje em dia é aquela coisa como se eu tivesse feito uma faculdade até 80 até Joy Division como se fosse um período escolar, eu prestando atenção em vários territórios musicais Aí você pega a manha pode não saber o nome do cara do instrumento mas sabe como é que é a manha você identifica sabe o que extrair daquilo

Xixi na pia: a cena "muito chocante" que A TV não mostrou

Adquire um senso de observação

Vou te falar uma coisa eu tenho uma relação muito grande com inteligência, inteligência como patologia. Tendência mental gostar de refletir ter um senso de observação, ter uma certa megalomania enciclopédica gostar de se interessar pelas coisas

Você lê dicionários?

Leio dicionário, leio tudo, não tem esse papo. Eu tenho que alimentar alguma coisa dentro de mim, no cérebro. É e a mesma coisa com a vida, com as emoções: você tem de ter um senso de percepção sentimental. Isso tudo faz parte da inteligência, não é só uma coisa intelectual. Inclusive pra você saber qual é a besta-fera que tem dentro de você. De repente, você gosta mesmo da besta-fera, você não quer nem evitar, você quer lidar com ela. E pode ser uma coisa de besteirol, de pornografia pode ser uma coisa de delírio

Qual é afinal a idéia da capa do disco *Básico Instinto*, a "cruceta"? Ou aquilo é um poste telefônico com uma prancha de surf?

O legal é isso, cada um vê uma coisa. Vai desde um símbolo afro de fertilidade até um escudo. A minha visão era a Cruz de São Cipriano com uma buça atrás

Visão? Você é médium?

Eu sou médium, não posso negar isso de jeito nenhum. Meu pai é líder de uma seita espírita. Mas ele nunca forçou nada comigo e até fala pouco sobre o assunto porque ele sabe que eu sou mesmo muito debochado

A culpa é de Copacabana?

Copacabana tem uma história clássica de modismo de termômetro da vida social e cultural brasileira, que vai desde a bossa-nova até tentativas de revolução. E tem o submundo a barra-pesada os assassinatos Tem uma coisa do ser humano exposto, construção pra caramba, gente pra caramba, família pra caramba misturada com bandido pra caramba E a promiscuidade do Rio aqui atinge seu ponto máximo porque dentro dessa tradição de submundo você tem uma tradição de sexo, de comércio de sexo. Então não tem point em Copacabana Copacabana é

Como é que você classificaria toda essa zona?

Apesar de tudo, apesar das louras, de neguinho gritando "buceta!", o show é uma coisa conceitual. Mas existe realmente uma diversão, existe uma putaria ali, um Maracanã, um Coliseu, um espetáculo romano, antigo. Eu fico rindo muito quando leio nos jornais que "é um show moderninho", a vulgaridade das chacretes com sotaque moderninho e coisas do gênero. Que é isso? É um espetáculo antiquíssimo, porque lida com quê? Libido: música e mulher. E gritos de guerra. Pronto

As meninas do Faustão em ação no clipe: "As louras é que me deram um golpe"

MEGA-SHOW MAIS QUENTE DESTE SUMMER.

SUM 2000

5 Janeiro & 6 Fevereiro SANTOS

5 Janeiro & 6 Fevereiro BARRA

21 Janeiro PRAIA DA ENSEADA

23 Janeiro SANTA CATARINA

PALCO

SOM

LUZ

DEBORAH BLANDO, Dr. SIN, CIÊNCIA, OS RAIMUNDOS, QUEM, OS MULHERES QUE

2000 Summer Concerts

ESTADÃO

Santos

SCANIA

UM TAPA NA PARADA

Em plena temporada de camisetas e adesivinhos do tipo "droças, tô fora", o trio californiano Cypress Hill recupera o refrão do "legalize it" e vende mais de um milhão de cópias de seu novo disco. Mas há outros sinais de fumaça...

Fumo, jasco, beise, farfanha, diamba, maruta, banza trem, ganja, brown, chá, feno, grama, almoida, preto, cânhamo, bagulho, cheeba, erva, marijuana, haroldo, peculio, taba, braço-de-judas: hoje em dia, se você quer vender bonés, camisetas, brincos adesivos, discos ou revistas nos Estados Unidos, é bom que eles venham estampados com uma folhinha de *Cannabis sativa* ("O que é isso meu filho?"... "É a bandeira do Canadá, mãe."). Qualquer banda de rap que se preze já não mostra só suas armas prediletas (Uzis, Glocks e AK47s) em seus clips. Tem que ter pelo menos um referenciazinha que seja à maconha. Quem não está com a folhinha está por fora e Bart Simpson é coisa do passado.

Seria esse um sinal do apocalipse? O fim do sonho americano, dos Chicago Bulls e da torta de maçã? Bem... Antes que o Afanásio Jazadji possa invadir os Estados Unidos escoltado por uma força-tarefa da Liga das Senhoras Católicas, deixe-me explicar que diabos está acontecendo.

A geração que pirou nos anos 60 chegou finalmente ao poder na America. Trocaram a marica pela caneta Monblanc. Até o presidente Bill Clinton já falou que fumou mas não tragou (em seguida foi desaconselhado por seus assessores a indicar o Papai Noel para o Ministério da Agricultura). E você começa a perceber que a diferença entre os dois Clintons que interessam, Bill e o funk master George, não é tanta assim ("Puxa, eles gastam a mesma quantidade de tempo cuidando do cabelo"). E isso tornou a maconha "menos" ilegal aos olhos da opinião publica americana. Sai o slogan da era Reagan, "Just say no", e entram os comerciais da Nike, "Just do it".

O que nos leva (finalmente) ao que interessa: a música. Em especial o rap. Mais especificamente ainda, o trio californiano Cypress Hill, que com seu segundo disco, *Black Sunday*, cruzou a barreira do milhão de cópias vendidas em menos de um mês depois do lançamento. Tratando somente de dois temas em todas as suas musicas — matar gente e fumar maconha —, o Cypress Hill é a primeira banda de rap que consegue agradar seguidores de todos os estilos de música sem apelar para o crossover. O som é estritamente hip-hop.

Das trinta musicas gravadas pela banda em seus dois álbuns, oito são só sobre maconha e dez sobre encher antagonistas de balas. O resto é uma mistura dos dois. Um bom exemplo disso é o refrão de "Hand on the Pump", do seu disco de estréia, *Cypress Hill*: "*I'm coming to blast ya with/ my sawed of shot gun/hand on the pump/ left hand on the 40/ puffin' on a blunt/ bucked my shotgun/ niggaz didn't jump*" ("Eu venho pra te detonar/ com minha carabina de cano serrado/ mão no gatilho/ mão esquerda na cerveja/ fumando um charro/ disparei minha carabina/ neguinho nem pulou").

A banda tomou para si o papel de principal defensora e divulgadora do uso da maconha, não só como droga recreativa, mas de todas as utilidades que o cânhamo, planta que da a maconha, pode ter (uso medicinal, fabricação de óleo, tecido, papel e corda). O encarte de *Black Sunday* traz 19 fatos sobre a planta. Alguns são surpreendentes, como, por exemplo, que o rascunho da Declaração de Independência norte-americana foi escrito em papel de cânhamo.

Se o Cypress trata do assunto de maneira direta, outras bandas não ficam atras, mesmo que de modo mais sutil. O Gangstarr, por exemplo, cita os *blunts* em diversas músicas (o nome vem de Phillies Blunt, um charuto que, esvaziado e recheado de fumo, queima vagarosamente por causa do papel com que é confeccionado): "*Take two and pass/ take two and pass so the blunt will last*" (Dê dois tragos e passe/ dê dois tragos e passe para que o *blunt* dure mais). Dr. Dre, ex-N.W.A., além de estampar a folhinha na capa, deu o nome *The Chronic* (mais uma

guria pra maruta) ao seu aclamado primeiro disco solo. Em 1989, Tone Loc já tinha gravado "Cheeba Cheeba", um dos primeiros erva-raps. Bandas de rock como Nirvana, Pearl Jam, Guns n Roses e Black Crowes já manifestaram apoio à NORML (National Organization for the Reform of Marijuana Laws), um movimento em prol da revisão das leis sobre a maconha nos EUA.

Ficou claro até aqui que há uma mudança de atitude em relação ao uso da maconha nos Estados Unidos, mas não devemos cair na besteira de achar que a música é responsável por isso ou, ainda, que a popularidade "do crime" é o segredo da força por trás da musica. Se fosse assim, dado o número de canções de amor que o pop já produziu, deveríamos estar todos aos beijinhos e abraços neste instante. Seria um caso de lógica lusitana. Bob Marley era um gênio da musica. Bob Marley fumava. João também fuma, logo João é um gênio da música.

Os fatores que levaram o Cypress Hill ao êxito comercial são difíceis de mapear, mas é possível assinalar alguns dos mais óbvios. Os rappers B-Real (Louis Freese), de 23 anos, e Son Dog (Senen Reyes, irmão do também rapper Mellow Man Ace), de 27 anos, dividem com Chuck D. e Flavor Flav, do Public Enemy, o título de melhor dupla de ataque e resposta do rap. Só que enquanto B-Real faz sua ginástica verbal em tom absurdamente anasalado (chega a ser quase ridículo), Sen Dog entoa o contraponto com a voz séria e mais grave. "É como se eu fosse a caixa e Sen, o bumbo. Nós usamos os dois sons juntos pra chegar a uma coisa maior", diz B-Real, fazendo uma comparação entre os estilos e o som de uma bateria. As bases relaxadas e simples, cheias de funk e com poucos efeitos, montadas pelo DJ Muggs (Larry Muggerud), 24 anos, se encaixam perfeitamente com o estilo dos rappers.

Nasceu um novo estilo, metade gangsta (rap que fala da vida nas gangues: vide Ice-T, Ice Cube, Boo Ya Tribe), metade diversão (Beastie Boys). As músicas da banda seguem a estrutura do rock, com divisões claras de refrão e chorus. "Nós definitivamente gostamos muito de rock & roll", diz Sen Dog, que cresceu ouvindo Hendrix e Zeppelin antes de começar a gostar de funk, rap e reggae.

Que o som é muito bom, todo mundo concorda. Mas, para crescer no meio do rap é necessário ter credibilidade de rua, e isso o Cypress Hill tem de sobra. Tanto Sen Dog quanto B-Real, que se conheceram onze anos atrás, perto da Cypress Street, em Southgate, subúrbio de Los Angeles, eram membros de gangues de rua. Sen Dog perdeu dois de seus melhores amigos nas ruas. O primeiro, ele viu ser executado quanto tinha 13 anos. "Nós estávamos vadiando quando uns caras mais velhos começaram a atirar. Nós saímos correndo, mas ele levou um tiro no tornozelo e não conseguiu mais fugir. Os caras simplesmente andaram até onde ele estava e atiraram à queima-roupa", conta.

Com B-Real a coisa foi mais grossa. Em 88, ele teve o pulmão varado por uma bala calibre 22 enquanto passeava num bairro que não era o seu. A banda foi formada em 1986. Sen largou as armas em 87 e B-Real, em 88. "Não incitamos as pessoas à violência, nós tentamos fazê-las pensar no que vão fazer antes que saiam pra rua e façam alguma burrada", diz B-Real.

O resultado dessa conjunção de fatores não foi planejado, nasceu dos interesses naturais dos integrantes. É uma banda multirracial, bilíngüe (as músicas são em *spanglish*, mistura de inglês e espanhol), que gosta de rock e de ganja. "Quando começamos, não pretendíamos ser os líderes de nenhum movimento pela legalização da maconha ou coisa parecida. Estávamos tentando compor músicas para a nossa demo, e não sabíamos sobre o que escrever. Um dia estávamos todos fumando, e alguém disse: 'Ei, irmão, acende mais um'. E eu pensei: 'Essa é uma ótima idéia para uma música'. E, porra, eu fumo todo dia, eu posso falar de maconha", conta B-Real.

Eis que chegamos novamente à popularidade da folha de *Cannabis* como logotipo. O do Cypress Hill é um crânio com uma na testa. O do Dr. Dre é só a folha. A MTV americana recebe todos os dias toneladas de novos clips com referências à planta (todas devidamente editadas antes que as imagens entrem no ar). A febre de fumo-consumo, no entanto, teve seu ápice seis meses atrás e já está em declínio. Entrou gente demais na moda, fumantes e não-fumantes, e isso reduz sensivelmente seu valor cult. Mesmo assim, estima-se que o fumo-consumo ainda arrecade entre 10 e 15 milhões de dólares anuais (dados da revista *Newsweek*, em novembro). Mas a "galera un" já está de sobreaviso, à procura de uma nova causa-logotipo para abraçar. Não temam pelo Cypress Hill, a banda tem talento e criatividade de sobra. E, quando a moda passar, quem estiver com saudade é só sentar e esperar que daqui a pouco ela volta. Mas lembre-se das sábias palavras de Frank Zappa: "Crianças, não tomem drogas ou vocês vão acabar ficando iguais aos seus pais".

Rodrigo Leão
(Editor de variedades da revista Capricho)

Ouça essas:

"Legalize-a e eu anunciarei." (Peter Tosh, num dos versos de "Legalize It")

"Eu fumo maconha. Mas, ao contrário do presidente americano Bill Clinton, eu costumo tragar." (Maxi Priest)

"Numa sociedade ativa, a maconha tira a pessoa do ritmo, seria preciso mais fazer, uma sociedade tranquila, menos tensa, menos paranóica, mais feliz." (Gilberto Gil)

"Acho que é legal você fumar um baseado no seu quarto, tranquilo, sem incomodar a ninguém." (Aaron Comess, baterista do Spin Doctors)

"A maconha é como um alimento para a mente e aguça o pensamento. Quando você pensa, consegue melhorar sua condição." (Lord Jamar, do grupo Brand Nubian)

"O bagulho está na moda è **a cannabis é politicamente correta"** (Título de um artigo de capa da revista americana *Paper*)

"O amor vem como nuvem de fumaça" (Erasmo Carlos, em um verso da música "Maria Joana")

"Vou apertar, mas não vou acender agora" (Bezerra da Silva)

"Nós apoiamos a legalização da maconha e de outras drogas também. Isso reduziria o crime e a violência." (Jennifer Finch, L7)

Peter Tosh na capa de Legalize It

Planeta Cânhamo

A maior influência: maconha! Quando os cinco integrantes do Planet Hemp se depararam com este "denominador em comum", resolveram formar o grupo. "O rap é nas letras, mas o som é rock & roll", diz o guitarrista Rafael. Depois de seis meses de banda, Rafael, Shunk e Marcelo (vocais), Formiga (baixo) e Bacalhau (bateria) estão com um dos shows mais legais da cena carioca. Os baseados no palco são freqüentes, mas não obrigatórios. E sempre tem um cara da platéia oferecendo. "Aí a gente não recusa, né?"

"O Planet Hemp é uma postura antiautoritária, um lugar imaginário onde ninguém tem direito de tomar decisões por ninguém", explica Marcelo. "Não queremos obrigar as pessoas a fumar maconha, mas queremos que respeitem nosso ponto de vista." As letras pregam a legalização da maconha ("*É o Planet Hemp tentando te alertar que uma erva natural não pode te prejudicar*") e a nova música é "Não Plante, Compre".

Mas eles não são tão "politicamente corretos" assim. Um dos hits de Planet Hemp é "Puta Disfarçada", que já fez moças rangerem os dentes. Com apenas um ensaio registrado, o Planeta Cânhamo prepara-se para produzir uma demo, mas já rolam propostas de gravação de um disco. É do bom, e vai ser prensado.

Giovana Hallack

MANIACS IN JAPAN
ELDORADO
MESBLA
À VENDA EM CD E LP

Arte à flor da pele

TATUAGEM

SASUN

A ÚNICA TATUAGEM
DO BRASIL APROVADA
PELO F.D.A.*

JÁ NAS BANCAS, LIVRARIAS E PAPELARIAS.

*ÓRGÃO RESERVADO PARA INSPEÇÃO DE ALIMENTOS E MEDICAMENTOS NOS USA.

Os malucos do ZZ Top estão colocando o Texas no mapa outra vez: pegaram um cheque em branco na RCA Records, apareceram com disco novo pesadão e sem frescuras, e juram que jamais pendurarão a barba na TV. Direto de Houston, o baixista Dusty Hill passa a limpo cada pedaço dessa história

No começo de 1970, o guitarrista Bill Gibbons, o baterista Frank Beard e o baixista Dusty Hill juntaram suas magras economias, conseguiram um empréstimo no banco e alugaram algumas horas num estúdio de 8 pistas em Houston, Texas. Ao custo de 12 mil dólares, gravaram as faixas do *ZZ Top's First Album* e, depois de muita batalha, descolaram um contrato com a London Records. Hoje, os três texanos continuam juntos integrando a banda de maior longevidade – com a formação original intacta – de que se tem notícia no cenário pop internacional. Mais que isso, o ZZ Top acumula vários discos de ouro e platina pela vendagem de seus dez discos de carreira – fora as coletâneas e bootlegs – e virou um dos símbolos maiores do "Texan way of life", com suas longas barbas e o gosto pela velocidade.

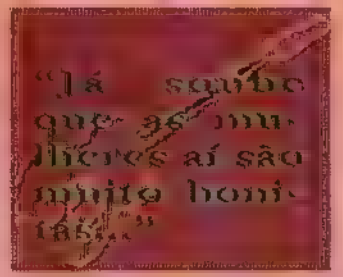
Antenna, o novo álbum dos caras, além de ser o primeiro de um contrato milionário recém-assinado com a RCA Records, marca a volta do ZZ Top ao blues/rock pesado e sem frescuras, sua principal característica, deixada um pouco de lado nos discos lançados na década anterior. A guitarra superlativa de Gibbons – elogiada por Hendrix nos idos de 1969 –, a pegada forte de Beard e a marcação precisa do baixo de Hill demonstram ainda um surpreendente poder de fogo nesse disco. De Houston, por telefone, Dusty Hill concedeu a entrevista que só a BIZZ está dando.

BIZZ O que significa ZZ Top?

Dusty Hill Já faz tanto tempo... não consigo me lembrar... acho melhor que fique como um segredo.

O que você sabe do Brasil? Já ouviu falar desse país?

Sim, é claro que já ouvi muita coisa a respeito, mas nunca estive aí. O Brasil e os outros países da América do Sul são nossos vizinhos que eu espero visitar em breve. Tenho cada vez mais vontade de estar em lugares onde nunca estive antes.



Alguma vez vocês já foram convidados a se apresentar aqui?

Isso já foi falado várias vezes, mas por motivos que desconheço, as negociações nunca foram adiante. Já soube que as mulheres aí são muito bonitas...

Qual o segredo da longevidade do ZZ Top? Como vocês conseguem olhar um para as caras dos outros há tanto tempo?

O segredo está em nossas barbas. Quando olho para o Bill ou ele pra mim, é como se estivéssemos olhando para o espelho. Por isso não cansa. Mas a verdade mesmo é que cada um de nós realmente gosta da maneira como os dois outros tocam, esse é o nosso grande segredo. Sempre foi e continua sendo um prazer e uma diversão inigualável tocar no ZZ Top.

Muitos de seus álbuns possuem títulos latinos. Qual é?

Bem, nós nascemos, vivemos e continuamos aqui no Texas, na vizinhança do México. Essa cultura latina está impregnada no ar, na comida, no modo de vida texano. E a gente adora isso.

Onde está aquela guitarra Fender cor-de-rosa que Jimi Hendrix deu para Bill Gibbons em 1969?

Eu realmente não sei. Gibbons faz um mistério incrível com isso. A respeito de guitarras, o que eu posso dizer é que, há alguns anos, nós três visitamos a casa onde nasceu Muddy Waters, no delta do Mississípi, e ela estava em ruínas. Daí sugerimos ao cara que nos convidou e estava interessado em fazer ali um Museu do Blues que pegasse um pedaço da madeira da casa de Muddy e fizesse uma guitarra. Fomos embora e algumas semanas depois esse cara nos telefonou, pedindo que nós voltássemos lá para testar a guitarra que ele realmente tinha feito! Cara, a guitarra ficou fantástica! Bill queria ficar com ela, mas acabou tendo que devolvê-la pro sujeito e agora ela está exposta no Museu do Blues que ele conseguiu montar lá.

No meio dos anos 70, no auge do sucesso, o ZZ Top de repente desapareceu. O que aconteceu? O que vocês ficaram fazendo?

Bem, a gente vinha de três anos seguidos, direto *on the road*. Estávamos perto de um esgotamento total e aí resolvemos dar um tempo... Nessa época também mudamos de gravadora e, ainda por cima, tinha aquela onda da disco music. Tudo o que podíamos fazer era dar um tempo.

Banda de saloon do Velho Oeste

Em 1987, a revista *Forbes* afirmou que o ZZ Top havia arrecadado algo em torno de 30 milhões de dólares em menos de dois anos, soma só inferior àquela conseguida pelo U2 no mesmo período. Vocês são milionários? Como gastam toda essa grana?

Oh, não. . Eu apenas me sento com meu violão, meu cachorro e fico olhando meus poucos carros, alguns cavalos e minha Harley Davidson. Nos estamos na estrada a maior parte do tempo, não temos tempo pra gastar dinheiro. Talvez eu vá ao Brasil fazer algumas compras...

A sonoridade desse novo álbum do ZZ Top parece mais próxima de seus primeiros discos do que dos recentes. Isso foi intencional?

Bem, a música de *Antenna* realmente está mais próxima do nosso material anterior. A tecnologia que usamos na década de 80, em discos como *Eliminator* e *Afterburner*, foi eliminada. Queremos que nossa música soe o mais natural possível.

Muitos críticos dizem que *Tres Hombres* é o álbum definitivo do ZZ Top. O que vocês acham disso e o que pensam a respeito da crítica de uma forma geral?

Eu nunca consegui entender direito o que os críticos dizem, mas tenho que concordar quando eles dizem que *Tres Hombres* foi o melhor disco que fizemos

nos anos 70, e acho que *Eliminator* foi o melhor que fizemos nos anos 80. Vamos ver o que acontece nessa década agora, mas é claro que *Tres Hombres* é um de nossos melhores discos. Ninguém gosta de ler críticas negativas ao seu trabalho, mas o que realmente importa é como o público reage ao que fazemos. Se as pessoas saem dos nossos shows com um sorriso no rosto, o resto é bosta.

Os carros de corrida e as motocicletas são essenciais para a música do ZZ Top ou são importantes apenas para o estilo de vida de vocês?

Nós curtimos esse tipo de coisa independentemente da música, somos realmente interessados nisso. Frank Beard, por exemplo, é um corredor profissional, participa de campeonatos e tudo mais. Seria assim também se não estivesse na banda. Só que teria que arranjar um bom emprego pra financiar isso.

Você e Bill não fazem a barba desde 1976. Foi uma coisa que começou naturalmente, mas agora parece uma imposição de imagem da qual vocês não podem fugir. Vocês não gostariam de ver novamente como ficam suas caras limpas?

Não estou bem certo se quero ver isso... Já faz tanto tempo que não me vejo sem barba.

Vocês já foram convidados pra fazer a barba num comercial de lâmina de barbear?

Sim, já nos ofereceram muita grana uma vez pra fazer isso. Mas a gente teria que fazer a barba ao vivo, na televisão, e se algum dia eu for tirar minha barba, quero ser o único a estar presente.

Por que Frank Beard não usa barba?

A única razão é que, quando eu e o Bill deixamos de fazer a barba, Frank – que tinha barba – começou a usar só bigode.

No início dos anos 80, vocês introduziram sintetizadores no som do ZZ Top, e pouco depois abandonaram esse tipo de instrumentação. Você acha que o som dos teclados descaracterizou o som da banda?

O jeito que eu vejo os sintetizadores é o mesmo com que vejo, por exemplo, uma guitarra. Depende de como você usa, de como você toca. É apenas uma ferramenta que o músico utiliza. Nós usamos mais sintetizadores em *Afterburner* e quase nada em *Antenna*, já que buscávamos um som limpo, direto. Mas não tenho nada contra sintetizadores ou qualquer outro instrumento.

Como foi a participação do ZZ Top no filme *De Volta para o Futuro III*, e como pintou essa oportunidade?

Isso foi o máximo... Primeiro, eles nos convidaram a compor uma música para o filme. Michael J. Fox (o cara que faz o personagem principal no *De Volta...*) é um fã do ZZ Top, e daí veio o convite. Começamos a compor e fomos até o lugar onde estava rolando a filmagem. Quando o Spielberg olhou pra gente estávamos caracterizados pro filme! "Não querem participar?" Aí fizemos aquela banda de saloon, que é exatamente o que seríamos se tivéssemos vivido naquela época. É um dos grandes momentos daquele ótimo filme.

Vocês foram homenageados pelo governo do Estado do Texas com o título de "heróis", o mesmo recebido pelo desbravador de fronteiras Davy Crockett. Isso é tudo armação ou...

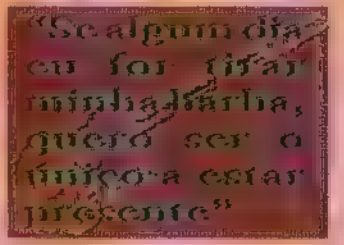
Foi uma grande honra pra nós, de verdade! Somos os únicos músicos na história do Texas a receber essa homenagem. Não costumo me emocionar com muita coisa, mas confesso que nesse dia cheguei a balançar ..

De onde veio o título para esse novo álbum, *Antenna*?

Essa é uma homenagem às rádios que funcionavam no México, quase na fronteira com os Estados Unidos, nas décadas de 50 e 60. Elas tinham uma potência muito maior que as rádios americanas e tocavam todo tipo de música – country, bolero, blues, jazz, gospel. Foi uma forte influência em todos na banda. A gente ainda não se conhecia e já ouvia as mesmas coisas.

No início de 92, vocês foram convidados a apresentar o Cream no Rock & Roll Hall of Fame. Como se sentiram?

Ah, isso foi demais! O Eric Clapton nos pediu pra fazer isso e foi uma honra. Acho que ele chamou a gente porque também somos um trio... O legal foi que naquela noite eles tocaram juntos pela primeira vez em vinte anos. Fizeram quatro músicas e foi o máximo. Depois disso, Eric nos convidou



para ir a Londres participar de um concerto beneficente e tocamos com ele e Joe Cocker o clássico "Sweet Home Chicago". Foi divertidíssimo.

Antenna é o primeiro disco de um contrato milionário do ZZ Top com a RCA Records – são 30 milhões de dólares! É possível nadar em dinheiro e ainda fazer rock com sinceridade?

Tem muita invenção de imprensa nessa cifra. Tudo que posso dizer é que foi um bom negócio para ambas as partes. Quanto à sinceridade da música, ela não tem nada a ver com dinheiro. Eu gostava de tocar quando era mais jovem, da mesma forma que gosto agora: não há diferença.

Quais são, para você, os dez melhores discos de todos os tempos? É que a revista tem uma seção de...

Não vou saber dizer dez, mas aí vão alguns: *Disraeli Gears*, do Cream, *Sgt Pepper*, dos Beatles, qualquer disco do Howlin' Wolf e do Muddy Waters ..

E o que você tem escutado ultimamente?

Bem, eu acabo de sair de uma longa temporada no estúdio e, quando estamos em gravação, não ouvimos nada, que é pra não correr o risco de sermos influenciados por alguma coisa. Só escuto mesmo velhas canções, blues, esse tipo de coisa.

Algo mais para os fãs brasileiros do ZZ Top?

Bem, transmita a eles que estamos loucos pra fazer shows por aí, e espero que pinte uma maneira disso acontecer. É uma vontade sincera, pode crer.

Márcio Gaspar

É MUITO, MAS MUITO ARDIDO MESMO. E DESCE QUEIMANDO. A PROGRAMAÇÃO DO VERÃO MTV NÃO É LEVEMENTE PICANTE, É INTENSAMENTE PICANTE. POR ISSO, PREPARE O SEU ESTÔMAGO.

CASA DA PRAIA

Numa big casa fincada na areia, de cara pro mar, os VJs apresentam os programas Pé da Letra, Pix MTV, Gás Total, Disk MTV, Top 20 Brasil e Semana Rock. Muita festa e artistas convidados. Até o fim de janeiro.

REGGAE MTV

A volta triunfal de um dos mais festejados programas da MTV. Afinal, verão sem reggae não é verão. Em janeiro, todo sábado, às 17:30.

CHECK IN

Aqui o artista é o VJ. Vários famosos vão invadir o seu Check In. em fevereiro, de 2ª. a 6ª.

Top 50 Verão

Os melhores clips do verão, eleitos por você. Cinco horas pra você assistir clip até o ouvido fazer bico. dia 26 de fevereiro, às 19:00.

Verão MTV. Você só tem três meses pra digerir.

Wrangler
Ford
Ruffles
Antarctica Guarana
SUNDOWN

VIVA ZAPPA!

Frank Vincent Zappa [illegible] dia 4 de dezembro de 93, deixou de herança um universo [illegible] povoado por cafetões e ratas, [illegible] pérfidos escroques, bruxos se arrastando [illegible], [illegible] sinfônicas, [illegible] e [illegible] tal [illegible] seja [illegible], [illegible] a BIZZ, que sempre falou do Zappa, agora gasta papel e tinta pra contar a história desse Stravinsky do rock, um cara eternamente muito vivo

Foi em 1966. Liderando seu matriarcado em seu primeiro disco, um pastiche de estilos intitulado *Freak Out!*, Frank Zappa surpreendeu o mundo. Apesar do experimentalismo estar com a corda toda naqueles tempos, a música popular jamais havia visto algo semelhante. Era uma revolução musical, justificada por Mr. Z com um "não há nada de repreensível em se tocar música atonal em cima de uma levada boogie".

De uma só tacada, The Mothers ("of Invention" foi coisa de um executivo nervosinho) inventaram a música underground, o álbum duplo de rock e o conceito de fazer de um disco pop uma peça musical unificada – e isso antes de Beatles, Stones, etc. Mesmo hoje – especialmente hoje –, sua caleidoscópica mistura de dada, doo-wop e dodecafonia é capaz de abalar o mais letárgico dos ouvintes, principalmente pelas implicações envolvidas.

Essas implicações – de que não existem barreiras musicais intransponíveis, de que os estilos mais antagônicos podem ser cruzados em novas e coerentes combinações, de que deve haver ouvintes inteligentes em algum lugar do universo – guiaram todo o trabalho de Zappa. Ele misturou a atonalidade de Schoenberg com rhythm & blues em "Help I'm a Rock". Tango e jazz em "Be-Bop Tango". Com o álbum *Hot Rats*, de 1969, foi pioneiro na fusão jazz-rock. Do punk ao rap, do country ao metal, da valsa à ópera, do samba à sinfonia, Zappa explorou todos os gêneros musicais, fazendo arte num ambiente hostil aos sonhadores.

Nascido em Baltimore, Maryland, em 21 de dezembro de 1940, Frank Vincent Zappa foi fã precoce dos compositores Igor Stravinsky e do avant-garde Edgard Varèse, que ele descobriu depois de ler na *Look* que Varèse fazia "a pior música do mundo" ("Ah, sim, aquilo estava pra mim!"). Mas ele também gostava da musica negra, dos grupos de doo-wop, de r&b, dos solos de guitarra de Guitar Slim e Johnny Guitar Watson e das cômicas estrepolias musicais de Spike Jones. "Não fazia qualquer diferença se eu estava escutando Lightnin' Slim, ou The Jewels, ou Webern, ou Varèse, ou Stravinsky. Para mim era tudo boa música".

No Dia das Mães de 1965, uma banda chamada The Soul Giants trocou de nome para The Mothers. Um ano depois gravaram seu primeiro disco. O grupo foi pioneiro no uso de instrumentos de sopro amplificados e eletronicamente modificados; no uso do pedal wah-wah na guitarra e também nos metais e teclados. Os Mothers conseguiam tocar em andamentos alienígenas com tanta facilidade que faziam o público acreditar que tudo estava acontecento no simples compasso 4/4. Utilizando procedimentos normalmente associados à "música séria" (técnicas de percussão pouco conhecidas, music concrète etc.), o grupo conseguiu interessar muitos jovens no trabalho dos compositores contemporâneos.

Em 1968, Ruben Sano estalou os dedos e instantaneamente nasceu o rock neo-vaselina. Um compacto retirado do álbum *Cruisin' With Ruben & The Jets*, com a canção "Deseri", foi tocado em muitas rádios, até os programadores descobrirem que Ruben & Os Jatos eram na verdade os Mothers disfarçados. Então veio *Uncle Meat* (gravado lado a lado com *Ruben & The Jets*). Apesar de todo o mérito musical do disco, a única coisa que chamou a atenção foram certos palavrõezinhos de uso comum incluídos nas seções de diálogos.

Em inúmeros projetos, incluindo *Lumpy Gravy*, em 1967, e *The Perfect Stranger*, comissionado pelo maestro francês Pierre Boulez e que estreiou em 1984, Zappa trabalhou com orquestras sinfônicas, criando obras "que o colocam lá em cima, ao lado dos grandes mes-

tres", conforme as palavras do maestro Kent Nagano, regente da Filarmônica de San Francisco. *200 Motels*, seu filme de 1971, antecipou a era do videoclip. Até mesmo seus trabalhos mais convencionais, como *Live at The Fillmore East, June 1971* e *Just Another Band from L.A.*, mostram músicas desafiadoras apoiadas em extraordinários arranjos rítmicos. E na série instrumental *Shut Up n' Play Yer Guitar* ficamos sabendo como a guitarra será tocada no próximo século.

Este catálogo único, aliado à franqueza verbal do compositor, que dizia o que pensava sobre praticamente tudo, fizeram de Frank Zappa uma instituição singular. Em música e em palavras suas opiniões sobre censura, intolerância, fanatismo religioso – em suma, as trivialidades das mentes obtusas – mostraram o quanto estamos afundados na síndrome do "deixa pra lá". As letras de Zappa – e, mais sutilmente, sua música sem compromissos – nos força a confrontar nossas próprias complacências e preconceitos. Por que ficamos chateados com a premissa contida em sua ópera-rock *Joe's Garage* – de que um dia a música será crime? Será porque não nos importamos se alguém quiser censurar alguma coisa?

A vida seria mesmo mais fácil se tivéssemos o direito de calar a boca daqueles que atormentam nossa consciência. Porém, uma vez que a sociedade resolve que a vida é mais fácil com as mentes bloqueadas, o que temos? Atitudes politicamente corretas, mediocridade e a atual parada de sucessos da BIZZ. E é exatamente isso que tornava Frank Zappa tão vital.

Com sua arte e suas atitudes, Zappa conquistou muitos fãs pelo planeta dos meus sonhos. Como o criador dos Simpsons, Matt Groening, ou o ex-presidente da ex-Tchecoslováquia, Vaclav Havel. Se *Freak Out!* deu origem a uma tribo de freaks cabeludos, *Absolutely Free* o segundo álbum, subverteu a Tchecoslováquia e ajudou a acabar com a ditadura comunista naquele país.

SOCIETY PAGES

Na capa do fanzine, a última vez em que o mestre calou a boca e tocou sua guitarra: Budapest, junho de 1991

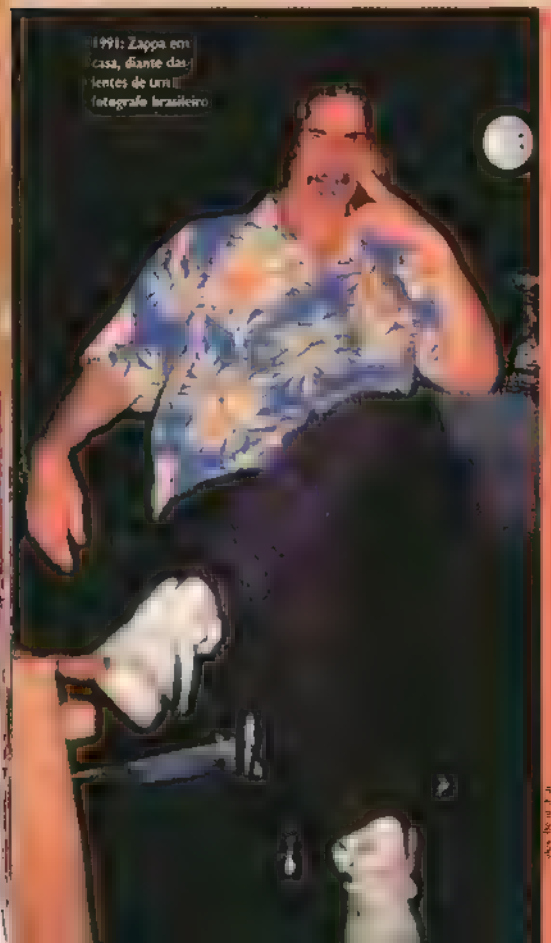
Zappa continuou na estrada do rock até o final dos anos 80. Sua última turnê foi em 1988/89, com uma banda de onze músicos, que se autodestruiu na Europa, antes de tocar nos Estados Unidos – daí o título do álbum *The Best Band You Never Heard in Your Life*, a melhor banda que você jamais ouviu na sua vida. "Há muito tempo, o negócio da música era dadaísta – era absurdo. Costumava ser o meu tipo de mundo, cheio de gente maluca e esquisita. Até mesmo o pessoal do *business* estava disposto a se arriscar num cara fora do esquema como eu. Agora o negócio virou gente que avaliza refrigerantes. Fazer isso muda a confiança básica. Você acaba fazendo alguma coisa que sirva para ser adaptada num jingle comercial".

Então ele deixou o rock de lado e foi dar uma de Marco Polo, abrindo oportunidades de comércio com o antigo bloco comunista. "Pra mim, o comércio internacional é muito mais fascinante. Ainda posso ir para o meu quarto e escrever uma sinfonia, mesmo que ninguém jamais a ouça. A imaginação está virtualmente proibida na música americana, mas é bem-vinda nos negócios. Assim, eu vou pra onde está a ação".

O câncer na próstata só foi detectado em 1990, uns oito ou dez anos depois de ter se desenvolvido. Como estava em estágio avançado, foi considerado inoperável e o compositor passou por vários tratamentos, radioterapia inclusive. Disseram-lhe que teria pouco tempo de vida. Entretanto, numa agonia que nos lembra a de Mozart, Zappa não parou de trabalhar. "O trabalho não é terapia para mim", disse ele à *Pulse!* em sua última entrevista, concedida em abril e publicada em agosto passado *(leia nas páginas seguintes)*. "Faço isso porque é o que sempre fiz. Qual a sua alternativa? Ficar na cama ou trabalhar. Se você tem um estúdio como eu tenho e ainda tem idéias para músicas, então você vai trabalhar, e faz isso até não agüentar mais".

A morte chegou em 4 de dezembro ("O compositor Frank Zappa partiu para sua turnê final pouco antes das seis da tarde de sábado", dizia no mais puro estilo zappiano o comunicado distribuído pela família). O enterro foi discreto e a morte só foi divulgada dois dias depois. Não houve chance para endeusamento ou abuso da mídia. Que viva Zappa.

Lu Gomes



1991: Zappa em casa, diante das lentes de um fotógrafo brasileiro

O ANÃO COM UM Z NO PEITO

Final de agosto de 1991. Los Angeles, uma rua estreita e sinuosa chamada Laurel Canyon, uma porta e um portão de garagem sem qualquer número. Será este o lugar? Onde fica a casa? Procuro por todos os lados, nada. De repente, olhando pra cima, no meio da mata fechada vejo um Z estampado no peito de um pequeno boneco narigudo. Antes mesmo de pensar que estava no lugar certo, ouço uma voz feminina acompanhada do som de um carro: a sra. Gail Zappa perguntava se podia me ajudar.

Entrando pela casa misteriosa, ao mesmo tempo confusa e bonita, entorpecido pelo excesso de simpatia daquela mulher, cheguei no escritório de Frank Zappa.

Alto e forte, porém cansado, voz grave e dicção perfeita. Depois de algumas horas lá dentro, percebi que quase em nenhum momento tive vontade de fotografar o que via. O que é muito estranho para um fotógrafo. Estava ali, visitando meu novo velho amigo, Frank Zappa.

Beni D. Jr.

Na casa de FZ tem uma árvore que dá guitarra...

...e o monstro da piscina azul.

OUÇA ESSA:

"Jornalismo de rock é gente que não sabe escrever, entrevistando gente que não sabe falar para gente que não sabe ler."

"Como presidente, deixar as coisas piores do que estão agora." (Sobre sua candidatura à presidência dos Estados Unidos)

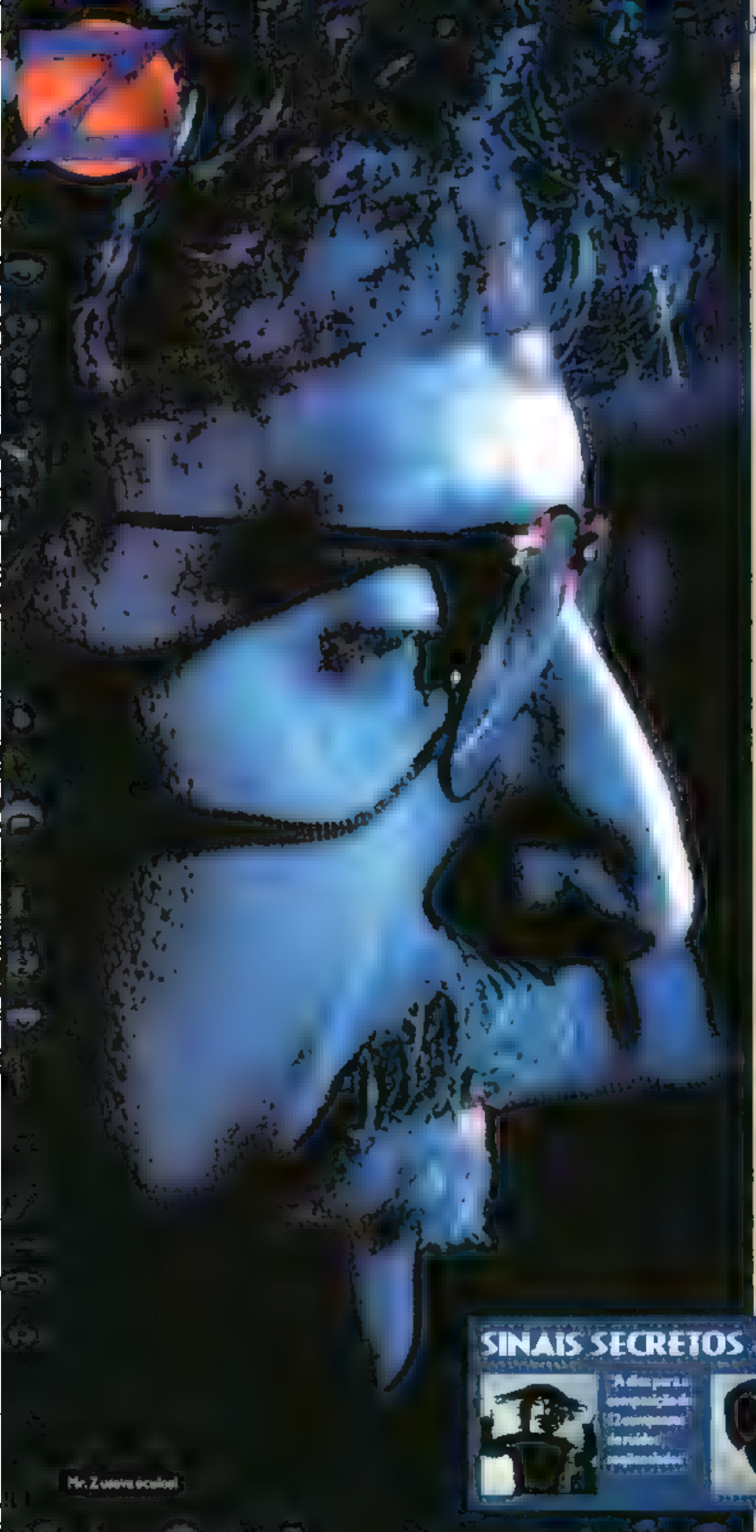
"Gosto da atitude do punk, mas não necessariamente sob o ponto de vista musical. É anti-musical. A idéia toda era vamos tocar mais rápido, e daí? A parte do 'e daí?' eu sempre gostei. Mas não gosto de ninguém que esteja contra a música."

"Não faço nada por aplauso. Tudo que faço é pelas risadas."

"Tá legal, Zubin, manda bala!" (Em outubro de 70, ao dar início ao concerto de *200 Motels*, com os Mothers e a Filarmônica de Los Angeles regida por Zubin Mehta)

"Eu não estou aqui para entreter todo mundo, só aqueles que gostam do que eu faço. Aqueles que não gostam do meu trabalho, gostam de outra coisa. Minha música é participatória. A música deve interagir com a pessoa que estiver ouvindo. O que eu faço vem de um lugar diferente, não é um produto. Eu tenho algo a dizer, e tomo muito cuidado com a preparação do material."

"Music is THE BEST!"



Mr. Z usava óculos!

A ÚLTIMA ENTREVISTA

O rei-filósofo da música popular do século 20 conversou com a revista *Pulse!* em abril do ano passado: foi seu último show na Terra

Há um certo tipo de comportamento adolescente que não ficou nada melhor desde os anos 60. Os cientistas acreditam que o universo é feito de hidrogênio porque afirmam que este é o seu ingrediente mais abundante. Eu digo que o ingrediente mais abundante no universo é a estupidez."

Assim começou uma conversa de 90 minutos sobre música e política com o lendário e controvertido artista. Zappa está animado, apreciando a conversa. Durante o resto da tarde, há momentos em que Zappa parece exausto, uma conseqüência de seu câncer na próstata. Mas então a conversa entra em outra área da música e/ou política, em que tem fortes opiniões, e ele se rejuvenesce.

"Nunca tive qualquer intenção de escrever música rock", diz. "Sempre quis compor música mais séria e vê-la executada em salas de concerto, mas eu sabia que ninguém iria tocá-la. Então me dei conta de que, se alguém fosse ouvir qualquer coisa que eu compusesse, teria de formar uma banda e tocar rock. Foi como eu comecei."

Seu plano a longo termo deu resultado: o renomado regente Kent Nagano o chama de gênio. Zappa ganhou um Grammy em 1987 por seu álbum *Jazz From Hell* e foi escolhido para tocar a peça mais controvertida – e talvez a mais famosa – de John Cage, "4'33", no álbum em homenagem ao compositor, intitulado *A Chance Operation*. Suas obras têm sido executadas por um numero de estimados ensembles deste século: Pierre Boulez encomendou-lhe um *score* sinfônico que resultou no álbum *The Perfect Stranger: Boulez Conducts Zappa*, o grupo europeu de música contemporânea Ensemble Modern executou seus trabalhos orquestrais no Festival de Frankfurt em 1992 (que resultou no álbum *The Yellow Shark*); em fevereiro passado, o prestigiado Lincoln Center, em Nova York, apresentou uma noite com a música de Zappa em sua série de concertos Great Performers. Até mesmo o criador dos Simpsons, Matt Groening, disse que "Frank é meu Elvis".

Nada mal para quem começou sua carreira musical como baterista, em 1956, em um grupo de r&b de San Diego chamado The Ramblers ("Toquei uma ou duas vezes com eles, mas eu não era muito bom e fui despedido"), gravou doo-wop e paródias em seu estúdio em Cucamonga, Califórnia, e liderou o ataque experimental no rock com sua seminal banda de renegados e freaks, a inimitável The Mothers of Invention.

Seu período de formação como músico aconteceu durante seu tempo de colégio na Antelope Valley High, em Lancaster, uma remota cidade no deserto de Mojave, na Califórnia, à qual ele se refere como um lugar culturalmente inóspito. Admirador de r&b e da inovadora e dissonante música do compositor Edgar Varèse, Zappa foi percussionista da fanfarra da escola, onde até lhe foi permitido compor e reger. Mas foi lá também onde ele começou a suspeitar que estava destinado a viver uma vida marginal às normas da América. "A única razão por eu ter recebido educação musical foi porque a escola precisava de uma fanfarra em seus jogos de futebol. Era só mais uma ferramenta para apoiar o programa esportivo. Eu nunca gostei de esportes. Então eu olhava para aquilo tudo e pensava que certamente deveria haver um investimento educacional de mais valor além de novos capacetes. Aquilo me fez mesmo pensar – como você pode levar isso a sério?" Felizmente para Zappa, isso acabou logo. "Fui mandado embora por fumar de uniforme", diz ele enquanto dá uma tragada em um dos muitos Marlboros que fumaria naquela tarde

Quando Zappa se deu conta do potencial para sátira em sua música? "Mesmo antes de ter essa banda maravilhosa chamada The Mothers, Ray Collins e eu costumávamos tocar em Pomona e fazíamos paródias de canções folk. Nós cantavamos 'Puff the Magic Dragon' como 'Joe the Puny Greaser' e tocávamos uma versão pervertida de 'The Streets of Laredo' chamada 'The Streets of Fontana' Não estávamos preocupados em causar qualquer impacto nas pessoas. Só estávamos fazendo aquilo pra dar risada, por diversão. Se impressionasse mais alguém, bom. Se não, foda-se. Nada do que escrevi teve intenção de influenciar alguém."

Mal sabia Zappa o quanto sua música seria influente em moldar opiniões tanto em casa como no exterior. Caso em questão: os primeiros dois álbuns do Mothers of Invention, *Freak Out!* e *Absolutely Free*. O de estréia, o primeiro álbum duplo do rock, que inspirou Paul McCartney a fazer *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, ajudou a gerar uma subcultura americana de freaks cabeludos, irreverentes e contestadores. Por detrás da Cortina de Ferro, *Absolutely Free* teve um efeito ainda mais profundo. A faixa de abertura do álbum, "Plastic People", tornou-se um sucesso underground e um hino nas passeatas pela liberdade na agora dividida república da Tchecoslováquia

Zappa ainda está surpreso com tudo isso. "Eu não fazia idéia de que aquela canção teve tanto impacto por lá. O album foi contrabandeado para o país um ano depois de seu lançamento, em 1967. Dez anos depois descobri o quanto a música havia se tornado poderosa. Estávamos viajando pela Europa naquele tempo, e alguns tchecos atravessaram a fronteira austriaca para assistir ao nosso concerto em Viena. Conversei com eles depois do show, e eles me disseram que 'Plastic People' era responsável por todo um movimento de dissidentes na Tchecoslovaquia. Foi um choque para mim descobrir que havia lá um grupo chamado Plastic People e que um culto de seguidores havia crescido ao redor deles. Aquela canção é especialmente relevante nos Estados Unidos atualmente", ele diz, referindo-se a um pôster na parede retratando Ronald Reagan como Hitler, com as palavras "Ele tem o direito de fazer o que quiser" escritas embaixo. Zappa então recita algumas linhas da canção: "Tire um dia e dê uma volta/ Veja os nazistas dirigirem sua cidade/ Depois vá pra casa e examine-

SINAIS SECRETOS – OS TOQUES DO MAESTRO

Para dirigir sua banda, Zappa usava gestos misteriosos, alguns bastante engraçados. Ele mesmo explicou:

se/ Você pensa que estamos cantando sobre outro alguém"

Quanto ao presidente Bill Clinton, Zappa mostra-se insatisfeito. "O que me deixou mais chateado foi Clinton banir o cigarro na Casa Branca. Que tipo de simbolismo é este? É um programa social engendrado pelos nazis da Saúde contra as pessoas que gostam de tabaco. Fiquei contente em saber que pela primeira vez nos últimos doze anos o número de fumantes não diminuiu no ano passado. Ele permanece constante. Eu gosto de tabaco, sempre adorei. Há um lugar para o tabaco na experiência de jantar. É como vinho. É um complemento apropriado à comida."

Qual o processo criativo de Zappa, o trocadilhista, o satirista, o humorista? "Eu escrevia letras quando estava viajando. Eu estava num vôo para a Alemanha quando me veio a idéia para a canção 'Dumb All Over'. Rabisquei três páginas e não via a hora de gravá-la. O reverso foi com 'Inca Roads'. A melodia veio primeiro e encarei como um desafio encontrar palavras que lhe servissem."

De todo seu catálogo, de quais performances sente mais orgulho? "Gosto de ouvir alguns discos mais que outros. Não agüento ouvir alguns dos meus álbuns de clássico porque me lembro das horríveis condições em que foram gravados. Mas o que eu mais gosto não depende muito da qualidade da composição, mas das lembranças de como foi divertido grava-las."

Seu último trabalho foi com o Ensemble Modern, numa série de três concertos na Europa. Zappa regeu "G-Spot Tornado" na noite de abertura, mas disse que "só foi capaz de comparecer ao primeiro e terceiro concertos. Passei mal e tive que voar de volta para casa"

A doença também abortou sua breve, porém séria, campanha presidencial. A preocupação do público com sua saúde foi notável. Até mesmo Tipper Gore, mulher do vice-presidente americano e que foi a cabeça do movimento de censura aos discos em meados dos 80, ao qual Zappa se opôs veementemente, entrou em contato com ele ao saber que estava com câncer. "A mídia gosta de dar a ilusão de que Tipper Gore e eu somos inimigos mortais. Isso não é um fato. Ela me mandou uma carta muito doce quando soube que eu estava doente, e eu gostei muito."

Depois de 90 minutos de conversa, Zappa responde à pergunta final. Como você conseguiu ter uma carreira tão longa? Opinativo em muitos assuntos, dessa vez ele mostra um raro momento de humildade. "Não sei como isso aconteceu. Como eu sobrevivi? Não sei. Eu tive sorte."

Dan Ouellette

MEMÓRIAS DE CUCAMONGA

O zappólatra Dagomir Marquezi conta como foi sua peregrinação pelos lugares sagrados do Projeto-Objeto

Em outubro de 1992 eu consegui realizar uma viagem longamente sonhada – um mês e cinco mil quilômetros pela Califórnia a bordo de um Mustang vermelho. Fazia parte dessa viagem uma peregrinação pelas memórias de Frank Zappa. Coisa de fã. A viagem à Zappaland começou com uma travessia do deserto de Mojave ouvindo mais uma batalha entre um pastor e o demônio numa AM local.

O deserto está na letra de "San Ber'dino" ("Ela vive em Mojave num trailer"), mas eu estava ansioso para chegar ao coração do universo sentimental zappiano, 80 milhas adiante. Passei reto por Lancaster, onde o mestre estudou e não me pareceu convidativa. Dobrei na Palmdale Boulevard.

Dagomir Marquezi

uma agradável avenida cheia de hotéis, lojas, shoppings, bancos e uma excelente loja de CDs e vídeos.

Meu objetivo na Palmdale Boulevard era chegar a um ponto que já não existia em nenhum mapa, Sun Village. Essa cidadezinha é a musa da única canção francamente nostálgica de Zappa.

"Village of the Sun" louva os bons amigos de quando ele tinha vinte e poucos anos e o Village Inn, uma churrascaria onde FZ podia tocar o bom e velho rhythm & blues com um conjunto chamado The Black-Outs.

Em Sun Village, Frank Zappa guarda grandes recordações relativas à integração racial, criadores de peru, malucos locais e rock no colégio feminino. A própria letra é um guia para peregrinos: "No cruzamento da Palmdale Boulevard/ Passe o Village Inn & Barbecue". Minha dúvida era: será que Sun Village havia sobrevivido durante esses trinta anos?

Só as pessoas fanáticas por um artista (como eu sou) podem imaginar o que senti ao encontrar a placa brilhando no céu do deserto: "Sun Village – uma comunidade progressista". Coloquei "Village of the Sun" no toca-fitas do Mustang, uma fita nova na handy-cam e rodei uma espécie de clip nas ruelas empoeiradas do lugarejo, que concentra um grande número de igrejas. O comércio local está limitado a uma vendinha ao lado da placa. É o fim do mundo, mas representa o Rosebud de Frank Zappa, seu último registro de inocência antes da entrada no mundo cruel do show business.

O mestre e o fã diantes do Studio Z, em Cucamonga. Trinta anos separam uma foto da outra

Dias depois fui até outro ponto-chave da romaria: a cidade de Cucamonga, onde Zappa construiu seu primeiro negócio, um estúdio de cinco pistas chamado Studio Z. Cucamonga é hoje uma grande concentração de condomínios e vilas aos pés das montanhas de San Fernando. Quando Zappa se instalou lá, a "cidade" era uma piada – quatro quarteirões ligando o nada ao nada, citada em vários desenhos animados. Cheguei a Cucamonga num dia de muita chuva e fui direto ao endereço registrado por Zappa em sua autobiografia – 8040 Archibald Avenue. Encharcado, extasiado, entrei no estabelecimento – hoje a bicicletaria Cucamonga Wheels. "Este é um local histórico", eu gritava para as espantadas mãe e filha que cuidavam da loja. O mais irônico é que uma das primeiras demonstrações de bizarrice do garoto Frank foi um show que ele deu num programa de TV – um concerto para bicicleta solo!

Naquele mesmo endereço, Frank Zappa foi preso. Por ser um freak nos primeiros anos da década de 60 (e por estar literalmente morrendo de fome), Zappa caiu na armadilha de um detetivezinho local a quem forneceu uma fita com "sons eróticos". Passou dez dias horrendos na Cadeia Municipal de San Bernardino, que hoje é uma prisão-modelo.

Cheguei lá através da lendária Rota 66, e nenhum dos guardas e carcereiros tinha idéia de que Zappa tinha sido um prisioneiro da instituição (chiqueirinho C). "Deve ter sido por causa de drogas", disse uma das funcionárias. Drogas?! Zappa?! Refleti muito enquanto olhava para as paredes e grades da San Bernardino County Jail. Foi lá que Frank Zappa cultivou seu ódio a qualquer tipo de limitação do pensamento e criação artística. Foi daquela cadeia que Zappa saiu para o mundo como o combatente da liberdade, o homem que viveria cada um de seus dias em guerra permanente contra a hipocrisia e a mediocridade. Deixou seu coração em Sun Village para iluminar a humanidade com a melhor música do planeta.

Desta prisão, Zappa saiu como um combatente pela liberdade

Dagomir Marquezi

VIDEOGRAFIA

Dub Room Special (Barfko-Swill, 90 min., 1984). Filmado em 1974 no estúdio da KCET-TV, em Los Angeles, e em 1981-82 no Palladium, em Nova York.

Baby Snakes (Honker Home Video/MPI, em duas versões: 90 min., 1985, e 160 min., 1987). Também filmado no Palladium, em 1977, no Dia das Bruxas.

Does Humor Belong in Music? (Honker Home Video/MPI, 60 min., 1985). Concerto no Pier, em Nova York, gravado em 1984.

Video From Hell (Honker Home Video/MPI, 60 min., 1987). Compilação de cenas de *Uncle Meat*, *Baby Snakes* e *The True Story of 200 Motels*, entrevistas, clips ("You Are What You Is" e "G-Spot Tornado") e FZ solando "Sc. Etienne" com a banda de 82.

200 Motels (MGM/UA, 100 min. 1988). Videoteipado em 1971 nos estúdios Pinewood, em Londres, estrelando os Mothers, Keith Moon, Ringo Starr, Zero Mostel e a Royal Philharmonic Orchestra.

The True Story of 200 Motels (Honker Home Video, 60 min., 1989). Trechos de dois documentários holandeses sobre o filme *200 Motels*, além de entrevistas com FZ, Flo & Eddie e outros músicos dos Mothers.

Uncle Meat – The Movie (Honker Home Video, 100 min., 1989). Os Mothers num concerto em 1968 com a BBC Symphony Orchestra. Também inclui cenas raras do infame "motim em Berlim", quando pretensos revolucionários alemães acabaram com o concerto dos Mothers.

The Amazing Mr. Brickford (Honker Home Video/MPI, 52 min., 1990). Bruce Brickford e suas impressionantes animações com massa. Trilha sonora com música zappiana orquestral interpretada pela London Symphony Orchestra e pelo Ensemble InterContemporain de Pierre Boulez.

Zappa's Universe (Verve, 60 min., 1993, disponível também em videodisco). "Uma celebração dos 25 anos da música de FZ", que aconteceu no Ritz de Nova York, em novembro de 1991. Com The Persuasions, Rockapella, Orchestra of Our Time (regida por Joel Thome), banda de rock (Mike Keneally na guitarra, Scott Thunes no baixo e outros gigantes) e três convidados especiais: Steve Vai, Dweezil Zappa e Dale Bozzio.

DISCOGRAFIA

Há 65 títulos (e contando!) com a marca do Z. Não é exagero dizer que todos são indispensáveis. Podemos ter os nossos preferidos, mas nenhum é melhor do que o outro – são trabalhos diferentes que se completam, formando o que Zappa chamou de Projeto-Objeto. E estudar esta vasta discografia é a chave para a compreensão (parcial) desse fabuloso delírio conceitual, cuja macroestrutura pode ser percebida através da continuidade temática que ele deu aos discos, com a repetição de frases e riffs de álbum para álbum

Título do álbum
Número de discos/Artista/Selo/Data de lançamento

FZ = Frank Zappa MI = The Mothers of Invention M = The Mothers

1 **Freak Out!** 2-MI, Verve,7-Fev-66.
2 **Absolutely Free** 1-MI, Verve, Abr-67
3 **We're Only In It For The Money** 1-MI, Verve, Set-67.
4 **Lumpy Gravy** 1-FZ, Verve, Dez-67.
5 **Cruising With Ruben & The Jets** 1-MI, Bizarre/Verve, Nov-68.
6 **Mothermania** 1-MI, Bizarre/Verve. Abr-69.
7 **Uncle Meat** 2-MI, Bizarre/Reprise, Mar-69.
8 **Hot Rats** 1-FZ, Bizarre/Reprise, Out-69.
9 **Burnt Weeny Sandwich** 1-MI, Bizarre/Reprise, 9-Fev-70.
10 **Weasels Ripped My Flesh** 1-MI, Bizarre/Reprise, Ago-70.
11 **Chunga's Revenge** 1-MI, Bizarre/Reprise, 23-Out-70.
12 **200 Motels** 2-MI, United Artists, Out-70
13 **Live at the Fillmore East, June 1971** 1-MI, Bizarre/Reprise, Ago-71
14 **Just Another Band From L.A.** 1-MI, Bizarre/Reprise, Mar-72.
15 **Waka/Jawaka** 1-FZ, Bizarre/Reprise, Jul-72.
16 **The Grand Wazoo** 1-FZ, Bizarre/Reprise, Nov-72.
17 **Over-Nite Sensation** 1-MI, DiscReet, 7-Set-73.
18 **Apostrophe (')** 1-FZ, DiscReet, 22-Mar-74.
19 **Roxy & Elsewhere** 2-FZ/M, DiscReet, 10-Set-74.
20 **One Size Fits All** 1-FZ/M, DiscReet, 25-Jun-75.
21 **Bongo Fury** 1-FZ/Beefheart, DiscReet, 2-Out-75.
22 **Zoot Allures** 1-FZ, Warner Bros., 29-Out-76.
23 **Zappa In New York** 2-FZ, DiscReet, 13-Mar-78.
24 **Studio Tan** 1-FZ, DiscReet, 15-Set-78.
25 **Sleep Dirt** 1-FZ, DiscReet 12-Jan-79.
26 **Sheik Yerbouti** 2-FZ, Zappa Records, 3-Mar-79.

27 **Orchestral Favorites** 1-FZ, DiscReet, 4-Mai-79.
28 **Joe's Garage Act I** 1-FZ, Zappa Records, 17-Set-79.
29 **Joe's Garage Acts II & III** 2-FZ, Zappa Records, 19-Nov-79.
30 **Tinseltown Rebellion** 2-FZ, Barking Pumpkin, 11-Mai-81
31 **Shut Up 'n Play Yer Guitar** 1-FZ, Barking Pumpkin, 11-Mai-81,
32 **Shut Up 'n Play Yer Guitar Some More** 1-FZ, Barking Pumpkin, 11-Mai-81.
33 **Return of the Son of Shut Up 'n Play Yer Guitar** 1-FZ, Barking Pumpkin, 11-Mai-81.
34 **You Are What You Is** 2-FZ, Barking Pumpkin, Set-81
35 **Ship Arriving Too Late To Save a Drowning Witch** 1-FZ, Barking Pumpkin, Mai-82.
36 **The Man From Utopia** 1-FZ, Barking Pumpkin, Mar-83,
37 **Baby Snakes Soundtrack** Picture Disc 1-FZ, Barking Pumpkin, Mar-83,
38 **London Symphony Orchestra Vol. I** 1-FZ, Barking Pumpkin, 9-Jun-83,
39 **Boulez Conducts Zappa, The Perfect Stranger** 1-FZ/Boulez, Angel/EMI. 23-Ago-84.
40 **Them or Us** 2-FZ, Barking Pumpkin18-Out-84.
41 **Thing-Fish** 3-FZ, Barking Pumpkin, 21-Nov-84.
42 **Francesco Zappa** 1-FZ, Barking Pumpkin, 21-Nov-84.
43 **The Old Masters, Box I** 7-FZ/MI, Barking Pumpkin, 19-Abr-85. Reedição dos originais de *Freak Out!, Absolutely Free, We're Only In It For the Money, Lumpy Gravy* e *Cruising With Ruben & The Jets*; inclui um Mystery Disc.

44 **Frank Zappa Meets The Mothers of Prevention** 1-FZ, Barking Pumpkin, 21-Nov-85.
45 **Does Humor Belong In Music?** 1-FZ, Barking Pumpkin, 27-Jan-86
46 **The Old Masters, Box II** 9-FZ/MOI, Barking Pumpkin, 25-Nov-86. Reedição dos originais de *Uncle Meat, Hot Rats, Burnt Weeny Sandwich, Weasels Ripped my Flesh, Chunga's Revenge, Fillmore East* e *Just Another Band from L.A.*, inclui um Mistery Disc.
47 **Jazz From Hell** 1-FZ, Barking Pumpkin, 15-Nov-86
48 **Joe's Garage Acts I, II & III** 3-FZ (box), Barking Pumpkin, 17-Jun-87
49 **London Symphony Orchestra Vol. II** 1-FZ, Barking Pumpkin, 17-Set-87
50 **The Old Masters, Box III** 9-FZ/MI/M. Barking Pumpkin, 30-Dez-87. Reedição dos originais de *Waka/Jawaka, The Grand Wazoo, Over-Nite Sensation, Apostrophe ('), Roxy & Elsewhere, One Size Fits All, Bongo Fury* e *Zoot Allures*.

51 **You Can't Do That on Stage Anymore – Sampler** 2-FZ/MI/M, Barking Pumpkin, 26-Abr-88.
52 **Frank Zappa: Guitar** 2-FZ, Barking Pumpkin, 26-Abr-88.
53 **You Can't Do That on Stage Anymore, Vol. 1** 2-FZ/MI/M, Rykodisc, 9-Mai-88.
54 **Broadway the Hard Way** 1-FZ, Barking Pumpkin, 25-Out-88
55 **You Can't Do That on Stage Anymore, Vol. 2 – Helsinki** 2-FZ/M, Rykodisc, 25-Out-88.
56 **You Can't Do That on Stage Anymore, Vol. 3** 2-FZ/MI/M, Rykodisc 13-Nov-89.
57. **The Best Band You Never Heard in Your Life** 2-FZ, Barking Pumpkin, Jul-91
58 **Make a Jazz Noise Here** 2-FZ, Barking Pumpkin, Jul-91
59 **You Can't Do That on Stage Anymore, Vol. 4** 2-FZ, Rykodisc, Jul-91
60. **You Can't Do That on Stage Anymore, Vol. 5** 2-FZ/MI/M, Rykodisc, 92.
61 **You Can't Do That on Stage Anymore, Vol. 6** 2-FZ/MI/M, Rykodisc, 92.
62. **Playground Psychotics** 2-FZ/M, Barking Pumpkin, Set-92.
63 **Ahead of Their Time** 1-FZ/M, Barking Pumpkin, 93.
64. **Zappa's Universe** 1-Vários, Verve, Out-93.
65 **The Yellow Shark** 1-FZ/Ensemble Modern, Barking Pumpkin, Nov-93

SÉRIE DE PIRATAS DA RHINO RECORDS

Beat the Boots I (1991)
As An Am
The Ark
Freaks & Motherfu*%@%!
Unmitigated Audacity
Anyway the Wind Blows
'Tis the Season to Be Jelly
Searbrucken 1978
Piquantique

Beat the Boots II (1992)
Our Man in Nirvana
Tengo na Minchia Tanta
Conceptual Continuity
At the Circus
Swiss Cheese/Fire!
Electric Aunt Jemima
Disconnected Synapses

Fora estes bootlegs lançados oficialmente, calcula-se que existam cerca de 400 outros, o que torna FZ um dos músicos mais pirateados do mundo

L.G.

FZ RECOMENDA: Anton Webern: "Complete Works", conducted by Robert Craft • Pierre Boulez: "Le Marteau Sans Maître", conducted by Pierre Boulez • Bela Bartók "1st, 2nd, and 3rd Piano Concertos", solist: Edith Farnadi/Vienna State Opera Orchestra • Igor Stravinsky: "Agon Ballet", "História do Soldado", conducted by Stravinsky • Stockhausen: "Canto da Juventude" ("Gesang der Jungling")

UM TOQUE DE ARTE
NO MUNDO MÁGICO DO SOM.

aiwa

Rua Leôncio de Carvalho, 306 - 9º andar - Cep 04003-010 - São Paulo
Tel (011) 284 7545 - Fax (011) 287 6882

AO VIVO

JERRY LEE LEWIS

Palace

(São Paulo, 24 e 25/11)

Onde Jerry Lee Lewis passa, fica um gostinho de ultraje. No Brasil não foi diferente. O primeiro show que ele deu no Palace teve uma "não-performance" que deixou o público com raiva. Lewis tocou bêbado e de má vontade, por não mais que 35 minutos. Com muito custo, encerrou com "Great Balls of Fire". Teve gente pedindo o dinheiro de volta.

No dia seguinte a coisa mudou. Lee deve ter tomado uma dura dos promotores, pois resolveu compensar o vexame dando uma hora de show. De seus clássicos, só tocou "Whole Lotta Shaking Going On" e "Great Balls of Fire". O resto veio de Chuck Berry ("Roll Over Beethoven"), Little Richard ("Tutti Frutti") e Ray Charles ("What d I Say").

Foi indispensável, apesar de tudo. O homem tem domínio inato e preciso sobre as raízes do autêntico rock (country, gospel e rhythm & blues). Nada de discursos vazios, enganação tecnológica ou world music. Só rock and roll.

Paulo Cavalcanti

PAUL McCARTNEY

Pacaembu

(São Paulo, 3/12)

Foi uma celebração impressionante: mais de 40 mil fãs dançando, cantando e se divertindo com o velho Macca no Paca. E fãs de todas as idades – do grunge flanelento ao ex-hippie grisalho.

Simpático e falando alguma coisa em português, Paul mandou ver no repertório Beatle, levando muitos às lágrimas com "All my Loving", "We Can Work it Out", "Paperback Writer", "Penny Lane", "The Long and Winding Road" e a inevitável "Yesterday", que todo mundo cantou junto. "Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band" ganhou novo arranjo com arrepiantes solos de guitarra e encerrou o concerto. Ao voltar para o bis, uma rendição de "Hey Jude" com Paul conduzindo o coro: "Agora só as mulheres .. Agora só os homens" – e o pessoal soltando a voz no lá-lá-lá-lá. Foram duas horas e meia de festa no melhor show do ano, com o melhor som do ano. Cotação: caí de joelhos e chorei compulsivamente.

Lu Gomes

PANTERA

Olympia

(São Paulo, 7 e 8/12)

Uma hora e vinte minutos de punch foi isso o que o Pantera ofereceu a bangers e tietes vindos de todas as partes para seus dois shows no Olympia. Nenhum resquício do passado poser: só músicas de seus dois últimos discos (*Cowboys from Hell* e *Vulgar Display of Power*) fizeram parte do set list.

Eles exageraram um pouco no volume, porém. No primeiro dia, a cozinha de Rex (baixo) e Vinnie (bateria) foi muito prejudicada - a bateria ficou perdida na maçaroca que saía das caixas. O problema, que só foi solucionado no dia seguinte, atingiu até o guitarrista Diamond Darrel.

Phil Anselmo, um competente e raivoso front man, urrou como só ele sabe e levou a massa ao delírio, principalmente nos destaques "Fucking Hostile", "Mouth of War", "Whiplash" (Metallica) e "Cowboys from Hell". Resultado: uma verdadeira avalanche sonora.

Pat Get

JORGE BEN JOR E TIM MAIA

Ginásio do Ibirapuera

(São Paulo, 26/11)

Um show de Jorge Ben Jor costuma ser como o nascer do sol: normal, milagroso e sempre bem-vindo. Este do Ibirapuera já ficou na história por um simples detalhe durante "W/Brasil", Jorge chamou o sindico (Tim Maia) e ele veio.

Antes disso, Jorge aprontou bastante. Foi das reinvenções de hits ("Chove Chuva" em ritmo de reggae) a apresentações de novos clássicos ("Engenho de Dentro") em duas horas e quarenta minutos que passaram num instante.

Tim Maia, além de cantar "W/Brasil" com Jorge, deu boa panorâmica de seus hits ("Primavera", "Não Quero Dinheiro"). Só faltou desenterrar pérolas como "Sossego". Foi ainda mais engraçado que seus imitadores quando reclamou da qualidade de som (ótima para o Ibirapuera) e de seu empresário, transformando tudo em soul-funk-hardcore: "Quando o inverno chegar... Agudo-retorno-eco!". "Do Leme ao Pontal .. Cadê-o-som-Poladian?" Não foi à toa que ele nem ficou para o esperado dueto final com Jorge - escapuliu enquanto o outro cantava "Cadê o Retor...", perdão, "Cadê Teresa?".

Ayrton Mugnaini Jr.

LIVING COLOUR

Palace

(São Paulo, 23/11)

Em apenas uma noite, o Living Colour bateu dois recordes quase impossíveis. Primeiro, fez um show melhor que o do Hollywood Rock de 92. Depois, mostrou estar em melhor forma que a galera do Chili Peppers, "cumpadres" naquilo que se convencionou chamar de funk-metal.

O LC faz uma barulheira bem-tocada, quase puxando para o hardcore (como mostraram na versão de "Should I Stay or Should I Go"). Excelentes músicos, os caras não usam isso como uma arma para pentelhar a galera com firulas intermináveis. Até o solo do batera William Calhoun é bem comportado.

O show ainda teve um mini-strip do vocalista Corey Glover, durante a polêmica "Bi", onde ele incentiva o bissexualismo, além de uma versão matadora de "Crosstown Traffic", de Jimi Hendrix. No final, o público saiu do Palace com os ouvidos apitando devido às microfonias da guitarra de Vernon Reid, mas com a absoluta certeza de ter visto o melhor show da vida.

Sérgio Martins

ANTENANDO

Os shows da temporada

JANEIRO

Pivete e banda, Urbania, São Paulo/SP, dia 8, 21h (fone 011/ 255 6855)

Titãs, Poison e Aerosmith (Hollywood Rock), estádio do Morumbi, São Paulo/SP, dia14; Praça da Apoteose, Rio de Janeiro/ RJ, dia 21

Skank, Live, Ugly Kid Joe e Robert Plant (Hollywood Rock), Morumbi, São Paulo/SP, dia15, Praça da Apoteose, Rio/RJ, dia 22

Fernanda Abreu, Jorge Ben Jor e Whitney Houston (Hollywood Rock), Morumbi, São Paulo/SP, dia16; Apoteose, Rio/RJ, dia 23.

Mickey Junkies, Urbania, São Paulo/SP, dia 22, 1h.30 (fone 011/ 255 6855)

Nazi e os Irmaos do Blues, Garage Rock, São Paulo/SP, dias 21 e 22, 22h (fone 011/814 2072)

Second Come, Urbania, São Paulo/SP, dia 29, 1h 30 (fone 011/255 6855)

PASSANDO A LIMPO - Muitos shows "confirmadíssimos" acabam cancelados na véspera, quando a BIZZ já está na gráfica (nos EUA e na Europa, sabe-se em janeiro o show de novembro ou dezembro). Aqui, sequer conseguimos o roteiro de fevereiro, que passa em branco nesta edição). Tínhamos duas opções: desistir de fazer um painel assim (a escolha mais fácil) ou peitar a bagaça, tomando o cuidado de acrescentar o telefone dos responsáveis ou locais dos shows e, no mês seguinte, republicar a lista anterior, corrigida (já ouviste falar de registro histórico?). Insanos que somos – e românticos o bastante pra acreditar que uma tentativa séria como essa pode estimular alguma ordem nessa zona – ficamos com a opção número 2.

Casas de shows, gravadoras e produtoras, façam contato: BIZZ/ Antenando, av. Nações Unidas 5.777, CEP 05479-900, fone (011) 816-7866 (ramal 342), fax (011) 813-9115, São Paulo (SP).

LANÇAMENTOS

PRINCE

Warner

The Hits 1 & 2

Depois de mudar seu nome para o símbolo impronunciável que da título a seu último album, o talentoso baixinho de Minneapolis promoveu um leilão de roupas, badulaques e instrumentos e agora parece dar por encerrados seus tempos de Majestade Purpura com o lançamento de duas coletaneas de sucessos que cobrem 15 anos de cadavalosa atividade discografica.

Não da pra negar: o cara é mesmo um fenomeno como compositor, musico, produtor, cantor e band leader. O lance é esquecer a frescurada da sua mise-en-scene mercadologica e mergulhar na musica, quase sempre original e requintadissima em detalhes, que se revelam a cada audição.

E ai esta o prazer maior em ouvir *The Hits 1 e 2*. Musicas como "When Doves Cry", "Pop Life", "Adore", "Do Me Baby" e "Controversy" abriram novos e inimaginados caminhos para todo o rock que se produziu depois que o baixinho esquisitoide mostrou a cara e o corpinho para a mudança. Isso sem falar nos títulos mais obvios como "Let's Go Crazy", "1999", "Sign O' The Times", "Kiss", "Diamonds and Pearls", "Raspberry Beret", "Sexy MF" e "Get Off" que tambem estão no repertorio dos CDs e são absolutamente geniais no quesito "como fazer uma musica para tocar nas radios do planeta sem deixar de ser ao mesmo tempo original, revolucionario, tecnico e emocional". São poucos os musicos pop que possuem esse talento.

Cada um dos dois CDs traz duas gravações inéditas. O primeiro tem uma arrepiante versão ao vivo de "Nothing Compares 2 U", com destaque para a vocal da diva Rosie Gaines, e uma balada derramada em violinos, "Pink Cashmere". O segundo vem com o balanço afiado de "Peach" e "Pope", essa segunda com um rap descabelado feito por Pope Bernie Mac, demonstrando que Prince continua como antena da raça ligado no que ha de mais inovador na black music.

Se a grana estiver curta, feche os olhos e leve pra casa qualquer um dos dois discos. Ou então gaste mais um pouco e compre tambem o CD importado *B-Sides*, terceiro volume desse pacote que fecha o hall de toda uma epoca.

MARCIO GASPAR

DISCOS

ELTON JOHN

PolyGram

Duets

Elton reuniu amigos, os mais diversos: Leonard Cohen, George Michael, Little Richard, Gladys Knight. Não tem Clapton, mas tem seu megabaixista, Nathan East. Além de músicas novas e antigas de Elton em parceria com Bernie Taupin e outros, temos covers, como "True Love" (aquela do Cole Porter) e "I'm Your Puppet" (hit soul de James & Bobby Purify em 1965) e novidades de amigos como Chris Rea. O resultado, um pouco "tecno" demais, pode não ser um clássico como *Captain Fantastic*, mas também não é um *Victim of Love*. E, como é normal em seus discos, Elton sempre traz ao lado de suas badaladonas e rocks algo diferente: desta vez há country, soul e até house ("Don't go Breaking my Heart", com RuPaul), eu preferiria os duetos anteriores, com Kiki Dee e Miss Piggy! *AYRTON MUGNAINI JR*

TYPE O NEGATIVE

RoadRunner

Bloody Kisses

A primeira ouvida, a impressão que se tem é que o Type O Negative não passa de puro *doom metal* com vocais à la Sister of Mercy. O que, aliás, eu recomendaria a audição: abraçado a um travesseiro. Mas apressado come cru e passa mal. *Bloody Kisses* traz variações, samplers, arranjos vocais e influências que o faz um disco totalmente inusitado. Eles misturam absolutamente tudo. De som industrial ao puro rock inglês, passando por NWOBHM, space viajandão e influências de Black Sabbath, Hell Hammer e tudo que existe de mais pesado por aí. Também é extremamente precipitado classificar esse disco simplesmente como um trabalho de metal. A versatilidade de ritmos com certeza agradará a gregos, troianos, e apreciadores de som alternativo. Principalmente quando a banda deixa de lado as vinhetinhas maietaças, que por pouco não tornam o disco monótono. *ROBERT HALFOUN*

NAUGHTY BY NATURE

Warner

19Naughtylll

O single OPP de 91, praticamente inaugurou a era do rap ultra-rápido de palavras encadeadas sem pausa diretamente inspirado no raggamuffin. Nessa nova incursão do Treach, Vinnie e o DJ KG o sabor jamaicano aparece com força em "Ready for Dem". Outra característica é a enlace percussiva, com levadas funky (e nisso eles lembram bastante o mestre Kurtis Blow), o que faz do Naughty By Nature um sucesso garantido em qualquer festa. E só detonar o hino "Hip Hop Hooray". O groove continua em "It's On" e "Sleepin on Jersey", com vocais de Queen Latifah que descobriu os caras e os integrou ao Flavor Unit, uma associação que congrega produtores e rappers sintonizados na mesma onda: mais balanço e menos agressividade. *CLAUDIO CAMPOS*

RAMONES

EMI-Odeon

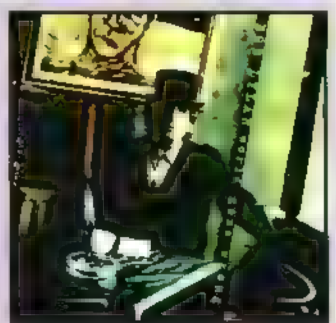
Acid Eaters

Prepare-se para a meia hora mais divertida de sua vida. Em *Comedores de Ácido*, os Ramones que volta e meia são citados como influência máxima por alguma banda, dessa vez trocaram as bolas e decidiram homenagear seus ídolos. A seleção vai da surf music da dupla Jan & Dean à Credence passando por Rolling Stones e Eric Burdon. Todas tocadas no "padrão Ramones de qualidade", ou seja curtas e no maior pau. O baixista CJ Ramone dá uma canja como vocalista em três músicas, e há pelo menos duas participações especiais. Pete Townshend, do Who, nos vocais de "Substitute" [illegible] e a ex-rainha do cinema pornô Traci Lords detona um dueto com Joey Ramone em "Somebody to Love". Ah, e ainda tem Sebastian Bach do Skid Row, mas isso não tira o brilho do disco. *SERGIO MARTINS*

BOB DYLAN

Sony

World Gone Wrong



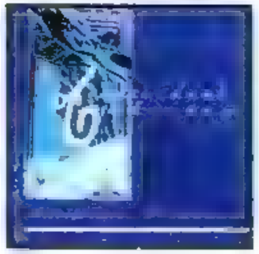
Bob Dylan só existe porque um dia existiu Woody Guthrie, um trovador folk de espírito libertário que carregava um violão com a inscrição "This machine kills Fascists". Como diz o ditado, a criatura superou o criador. Dylan introduziu a literatura ao rock & roll e, como um atento cronista, traçou versos que ajudaram a empurrar a contracultura para frente. Depois de um disco antológico comemorativo aos seus trinta anos de carreira, reunido do Pearl Jam a Lou Reed, além de uma série de velhos amigos, Dylan retoma o passado no novo *World Gone Wrong*. Ele não é mais o garoto inseguro que perambulava com seu violão pelos bares do Village, contaminado pelas idéias dos beatnicks e rosnando contra aquela felicidade recauchutada do pós-guerra. O repertório de *World Gone Wrong* homenageia o próprio passado, lançando mão de um punhado das mais belas, e não tão conhecidas, canções vindas do blues rural e baladas tradicionais do cancioneiro americano, que marcaram o início da sua carreira. Um disco atípico, por não trazer canções inéditas, mas esquecidas, que tratam basicamente de assuntos cotidianos e das relações do homem com Deus. Dylan as interpreta com um fervor contido, tocando violão, guitarra e gaita. É o Dylan de sempre, singelo, derramado, num disco que merece centenas de audições para ser totalmente compreendido. Em vez de reler o passado, Dylan preferiu resgatá-lo em sua plenitude. Ninguém o faria tão bem quanto ele. *CELSO FONSECA*

TEMPLUM PROBUS

Cri DuChat

Individual Industry

[illegible] fonográfico recebe algo independente e diferente da atual onda [illegible] que nos assola. Não que tenha alguma coisa [illegible] muito pelo contrário [illegible] gerado no ventre da [illegible] indie [illegible] gravadora paulistana Cri Du Chat [illegible] que já nos gratificou com [illegible] Pink [illegible] alemão [illegible] Records [illegible] conhecido no meio [illegible] ganhar outros espaços, o grupo mostra muito [illegible] neste primeiro álbum. "Tomorrow", "Lupus et Agnus" e "Eves" [illegible] compulsiva. Outras [illegible] "Zhaireec" e [illegible] partem para a introspecção, mostrando [illegible] experimentalista deste trio de São Paulo [illegible] Pink Industry. *RICARDO BORA* [illegible]



SHABBA RANKS

Sony

Rough and Ready Vol. 2

Shabba Ranks pode ser tudo [illegible] antes que [illegible] jamaicanos tem vem [illegible] e fazerem as suas [illegible] DJ resolveu [illegible] dar novas versões para os seus sucessos. O resultado [illegible]

[illegible] Maxi Priest [illegible] DJ, onde ele divide os vocais [illegible] Em [illegible] Ready [illegible] uma aproximação maior com o rap. A nova versão de "Tíne" [illegible] participação dos rappers Markey Mark e KRS-One [illegible] o dueto com KRS-One, e de soltar faísca. Dizem por aí que Shabba anda por baixo, por causa de suas declarações anti-gays, mas quando o assunto é raggamuffin, ele ainda reina soberano. *S. M.*

MENINOS DO PELÔ

Sony

Adota Eu

Eles até que já tinham boas credenciais pra embalar a boca do rebento. Porque são (ou eram, ao menos) meninos da rua em Salvador, o que evoca aquele "efeito Raoni" aos olhos do mundo, alçados instantaneamente à condição de símbolo das mazelas do Brasilzão. E até porque são moleques, batucando e cantando bonito, seduzindo com um virtuosismo precoce. Mas, mesmo com todo o vento a favor, os motores foram ligados: a produção é de Daniela Mercury (aquela da nação passional), tem Caetano, Chico Buarque, Elba Ramalho e Carlinhos Brown; a capa tem bom gosto e esquece cores e grafismos recorrentes entre os discos do universo baiano, e a sonzeira come solta em estúdios de primeira linha. E o legal e que em vez de brincar de cover da "Velha Guarda" do Pelourinho, os Meninos aparecem brincando com cantigas de roda (como "Roda Pião", de Dorival Caymmi), citações bem colocadas ("Toda Menina Baiana", do Gil), e até uma marcha inspirada em "Freres Jacques". As crianças vão gostar e tem o tal do Buiuzinho (cantor e batuqueiro do grupo) que é de matar. Sem sacanagem: a voz dele é igual à do Pato Donald! *OTÁVIO RODRIGUES*

ALICE IN CHAINS

Sony

Jar of Flies

Alice in Chains já não se [illegible] *Facelift* e *Dirt* e [illegible] EP [illegible] que [illegible] acústico, o grupo está [illegible] *Flies*, um trabalho que, se ainda não abandona aquele clima de angústia cocaínomaníaca [illegible] incorpora levezas acústicas, psicodelia, blues e até folk music. São sete longas músicas. Na primeira, "Rotten Apple", parece que nada mudou. Em seguida, porém, "Nutshell" dá a pista: uma acoustic guitar predomina. "No Excuses", "Stay Away", "Don't Follow", "Swing on This" e a instrumental "Whale and Wasp" confirmam [illegible] neste renovado Alice in Chains [illegible] uma virada para melhor. *GABRIELA DIAS*

VÁRIOS

PolyGram

Aerodance

Esta coletânea faz de tudo para agradar – e até consegue. Tem "More and More" do Captain Hollywood Project, "It's my Life" do Dr. Alban, um rap dos Wreckx N' Effect, um remix de "Jump They Say" [illegible] cantor David Bowie, dois disco covers, "Can't Get Enough of Your [illegible]" com Taylor Dayne [illegible] "Everybody Dance" com Evolution. Feito para pista, com base na FM. *LOURIVAL C. S. JR*

DISCOS

SMASHING PUMPKINS

EMI-Odeon

Siamese Dream

Mudar de selo independente para grande gravadora pode ou nao ser um processo traumatico. Helmet, Mudhoney e Primus são exemplos de bandas bem-sucedidas nesse delicado rito de passagem. O quarteto de Chicago Smashing Pumpkins infelizmente não é.

Este segundo disco da banda, *Siamese Dream*, nascen de parto complicado: entre sua vinda ao mundo e o lançamento de Gish (o primeiro álbum, lançado pela "pseudo-indie" Caroline Records), passaram-se dois anos. Durante esse tempo circularam boatos insistentes sobre o fim do grupo, e até fãs confessos da suavidade barulhenta dos Pumpkins, como Kirk Hammet (guitarrista do Metallica), deram entrevistas sugerindo que a banda nao passaria do primeiro disco.

Mas passou. E vendeu 1 milhão de copias em quatro meses (nos EUA). O que nos leva (de volta?) ao objetivo dessas mal traçadas: resenhar *Siamese Dream*. Vejamos se me faço clara: este é um disco apenas regular. Regular pela produção de Butch Vig e Billy Corgan (vocalista, guitarrista, letrista e, segundo as mas-linguas, mentor e faz-tudo dos Pumpkins) haver escondido a poderosa cozinha de Chamberlin (bateria) e D'arcy (baixo), reduzindo seu contraste com a voz suave do próprio Corgan e com a guitarra raivosa de James Iha. Regular pelos arranjos pouco inspirados, regular por uma certa amenização da angústia melancólica que caracterizava o Smashing Pumpkins. Regular porque, depois de Gish, nada alem da perfeiçao satisfaz

Mas passou. E vendeu 1

G. D.

INXS

PolyGram

Full Moon, Dirty Hearts

De primeira, o novo disco dos australianos do INXS - *Full Moon Dirty Hearts* - ate que surpreende. A começar pelas parcerias vocais. "Please (You Got That)" tem Ray Charles, enquanto a baladona "Full Moon..." vai de Chrissie Hynde. "Freedom Deep", um psicodelismo progressivo (meio Genesis-com-Peter-Gabriel), tambem sai do padrão pop dançante da banda. Mas o estranhamento para por ai. "Kill the Pain" plagia o refrão de "Why" (aquela baba da Annie Lennox). "Cut your Roses Down" chupa linhas de baixo de Bootsy Collins para o Dee-lite. "The Messenger" lembra U2.

O resto são tentativas de um pop funkeado que o proprio INXS ja fez melhor. E uma banda sem vida e cheia de pretensão, esta de *Full Moon, Dirty Hearts*.

G. D.

PAUL McCARTNEY

EMI-Odeon

Paul is Live

Ele já tem tudo: fama, fortuna, uma fazendinha na Escocia onde cultiva uma *sinsemilla* poderosa. O que mais poderia querer? Diversão, *of course*! Macca meteu o pé na estrada outra vez e gravou ao vivo um dos seus melhores discos. O repertorio, que inclui onze canções dos Beatles (hoje tro nao tem "Yesterday") e o samba da *New World Tour* que visitou o Brasil. Canções classicas, musicos irrepreensiveis e alta qualidade tecnica. O que mais se poderia querer? Bem ...

L. Gomes

ARA KETU

EMI-Odeon

De Peri Peri

Uma das maiores dificuldades das bandas da Bahia é conseguir passar toda a energia de seus shows para o disco. E deste mal que sofre o Ara Ketu, um ex-bloco afro (lançaram dois grandes LPs por outra gravadora) que virou uma das bandas mais competentes de Salvador, com direito a lançar CD no exterior. *Peri Peri* e um disco cheio de boas ideias, misturas quentissimas de som baiano com juju music e ritmos caribenhos, mas que se perde na falta de peso. Mesmo gravado na quadra do Ara Ketu, o disco sai frouxo, as vezes lembrando os piores tempos da axe music (que Deus a tenha). Mas nem tudo está perdido: a poesia de Tiganá Machado Santana em "Homem Romantico" ou o belo tom africano de "Ilê Congo", alem da faixa-titulo, são a esperança de que esta banda "porreta" poderá fazer melhor.

S. M

TAD

BMG Ariola

Inhaler

Tad Doyle formou sua segunda banda a primeira foi o Bundle of Hiss) TAD em 87 junto com Kurt Danielson (baixo), Josh Sinder (bateria) e Gary Thorstensen (guitarra). Para Doyle tambem uma banda que leva seu nome é "uma brincadeira" (e que em 89 assinou, claro!, com a Sub Pop, tendo gravado coisas antologicas em dois LPs e dois EPs. O gordão Doyle e seus companheiros, porem, acabaram indo para o selo Giant, por onde está saindo *Inhaler* (produção do genio" *indie rock* J. Mascis, do Dinosaur Jr).

O resultado? Onze musicas que não são o melhor que o TAD já fez. Menos sujeira e peso, mais melodia. Em "Luminol" tem até pianinho! As raizes metálicas, porem, não foram abandonadas. E stão aqui, sim, mas os riffs não são tão certeiros, nem a base ritmica tão eficiente. Há exceções. "Grease Box", por exemplo, é matadora. Se você não conhece a banda, *Inhaler* vale sua grana. Mas so como introdução.

G. D.

KATE BUSH

EMI-Odeon

The Red Shoes

Pois bem, ela está de volta. Um disco de uma super - estrela como Kate Bush nunca chega impunemente. Há de ter muita badalação. E o que ela traz de novo para seus fãs? Uma fusão world music bem ao gosto de músicos pop-cabeça de sua turma (Peter Gabriel, por exemplo). E por falar em turma, alguns diletos amigos de Kate dão as caras em *Red Shoes*: Eric Clapton, Prince, Jeff Beck. Há um toque de classe com a presença do Trio Bulgarka e Nigel Kennedy. Kate, para muitos, é a ponte perdida entre a genialidade e a delicadeza. Às vezes é. A agressiva "Rubberband Girl" tem um toquinho de "vanguarda". A salerosa "Eat the Music" representa a porção de cosmopolitismo politicamente correto; "The Red Shoes" traz aquela porção funk clean que não compromete.

Quando Prince baixa em "Why Should I Love You?", o inevitavel acontece: a faixa se transforma em uma musica do sátiro de Minneapolis com a participação de Bush. O momento mais arrasador do disco, no entanto, fica para "Constellation of the Heart" – bela sem ser piegas. Kate está um pouco mais grandiloquente que nos discos anteriores. A esta altura de sua carreira, não poderia ser diferente.

Jeferson de Sousa

THIRD WORLD

PolyGram

Commited

Bom grupo, o Third World. Tem musicos competentes. Fizeram grandes apologias a Jah e hoje preferem seguir uma tendencia mais pop do ritmo. Tanto que se pode dizer que o reggae é apenas um ponto de referência da banda, que adiciona boas pitadas de soul e rock à sua musica. *Commited* em sons para dançar, baladas e um ska para celebrar os bons tempos – "We Give the People What They Need". É lógico que os fãs mais tradicionais da banda vão torcer o nariz. Mas ninguem tem o direito de impedir os caras de ganhar uma graninha de vez em quando, tem?

S. M

PAULINHO MOSKA

EMI-Odeon

Vontade

Paulinho Moska costuma dizer que Lenny Kravitz foi a principal influência deste seu primeiro disco solo. Mas as levadas de violão, as harmonias a la Beatles e a indelevel presença dos anos 70 tambem ligam seu trabalho a uma ascendencia ainda mais próxima e perceptivel, a de Lulu Santos. Essa comparação (elogiosa, para mim) não tira o brilho de *Vontade*, uma agradável surpresa até mesmo para quem já acompanhava a sua carreira, desde os tempos do Inimigos do Rei – que começou como um bom grupo vocal e descambou em hit de festinha infantil. Além de cantar bem, ele tambem demonstra ser um artista que sabe o que quer: das composições e arranjos ao projeto grafico (um dos melhores do ano) tudo tem seu dedo e o resultado é invariavelmente de bom gosto. Pra evitar o trocadilho fácil: Paulinho acertou – no alvo.

C. C.

ZZ TOP

BMG Ariola

Antenna

E o ZZ Top de sempre: Dusty Hill e Frank Beard cozinhando o boogie para os solos temperados de Billy Gibbons. As letras tratam dos mais elevados valores do Texas: mulheres, bebidas, mulheres, carros, etc. A carinha está sorrindo ai em cima.

CURT SMITH

PolyGram

Soul on Board

Apesar das desculpas que o cara pede o tempo todo ao longo do disco ("Eu nasci na hora errada, uma criança perdida no ceu..." ou "Querido Deus, estou fazendo o melhor que eu posso"), Curt Smith consegue ser mais parecido com o velho Tears for Fears que o ex-parceiro (namorado?) Orzabal. As melodias são inspiradas o suficiente e suaves. Somadas a bons retrões e baladas que não chegam a dar sono, resultam num CD essencialmente pop com caracteristicas evidentes de primeiro trabalho solo. Enfim, é um disco bem legal para manhãs de domingo.

R. H.

I N D E X

O QUE ESTÁ CHEGANDO NAS LOJAS

ROCK/ POP

AC/DC • Highway to Hell (Warner - LP/CD/K7) Relançamento do clássico da banda australiana (original de 1979), com "Touch too Much", "Get it Hot" e outras (*leia mais na página 63*)

BEE GEES • To Whom it May Concern, Trafalgar, Mr. Natural, Main Course, Horizontal, Children of the World, Odessa, 2 Years On, Cucumber Castle, Here at Least...Live, Life in Tin Can, Spirits Having Flown (Polygram - LP/CD/K7) Pacote de relançamentos do trio australiano.

BOY GEORGE & CULTURE CLUB • At Worst... The Best of (EMI - LP/CD/K7) Coletanea dos inegáveis sucessos do cantor inglês e sua banda mutante

FIFTH DIMENSION AND THE MAMMAS & THE PAPAS • Serie Dois Astros (BMG - LP CD/K7) Dois grupos vocais dos anos 60, reunidos num mesmo disco apesar das diferenças de estilo.

FRED MERCURY • Remixes (EMI - LP/CD/K7) Versões dançantes para cinco canções do falecido líder do Queen, incluindo "Living on My Own" e "Time"

HELLOWEEN • Live in the U.K. (EMI - LP/CD/K7) Novo disco da banda alemã metaloide que, dizem, serve de inspiração para o Viper

MEAT LOAF • Bat Out of Hell II (EMI - LP/CD/K7) Continuação do disco de maior sucesso (talvez o único) do gordo. Estourado nas paradas americanas

MR. BIG • Bump Ahead (Warner - LP/CD/K7) Banda americana dificinha de ouvir: muito estilo e pouco som

PANTERA • Cowboys from Hell (Warner - LP/CD/K7) Na cola dos shows por aqui, um lançamento de 1990, com o quarteto quebrando tudo.

PAUL McCARTNEY • Paul is Live (EMI - LP/CD/K7) Novo disco do ex-beatle, ao vivo com a turnê New World Tour (*leia mais na página 59*)

PAUL SIMON • The Paul Simon Anthology (Warner - LP/CD/K7) Álbum duplo com inúmeros sucessos do cantor e compositor, incluindo duas versões de "The Sound of Silence" (uma ao vivo), "Mrs. Robinson" e "The Boxer".

PRINCE • The Hits Vol. 1 & 2 (Warner - LP/CD /K7) Primeira compilação do cara, com "Little Red Corvette", "1999", "Purple Rain" e tudo mais que você imagina (*leia mais em destaque na página 54*)

RHYTHMS IN VIOLENCE • Is this a Modern World? (Cogumelo/fone 031-226-7654 - LP/CD) Primeiro disco de mais esse grupo brasileiro que canta em inglês Pauleira a la Sepultura

RUSH • Counterparts (Warner - LP/CD/K7) Novo disco do trio progressivo canadense

RUSH • Rush, Fly by Night

Caress of Steel, 2112, All the World's a Stage/Live, A Farewell to Kings, Hemispheres, Permanent Waves, Moving Pictures, Exit... Stage Left, Signals, Grace Under Pressure, Power Windows, Hold your Fire, A Show of Hands/Live (Polygram - LP/CD/K7) Pacotaço de relançamentos com força pra saciar a sede da honesta tribo dos rushólatras (*leia mais na página 64*).

SMASHING PUMPKINS • Siamese Dream (EMI - LP/CD/K7) Segundo disco do grupo de Chicago (*leia mais nas páginas 20 e 58*)

TAD • Inhaler (BMG - LP/CD/K7) Terceiro disco da banda americana (*leia mais na página 59*)

VÁRIOS • The Greatest Surf Hits of All Times/80's & 90's (Sony/OP Records - LP/CD/K7) Coletânea com alguns clássicos do rock & reggae que fazem a trilha sonora dos surfers: Bruce Springsteen, R.E.M, Peter Tosh, Ozzy Osbourne, Mick Jagger, Pearl Jam e outros.

VÁRIOS • Australian Rock (Paradoxx, fone 011 255-5471 - LP/CD) Coletânea de novas bandas australianas, como The Chevelles, The Screaming Tribesmen, Wild Pumpkins at Midnight, Front End Loader e Nursery Crimes, entre outras

VÁRIOS - Radical Surf Skate (EMI - LP/CD/K7) Com Lenny Kravitz, Ramones, Chili Peppers, Beastie Boys e outras bandas que fazem a cabeça dos hiperativos

WRECKX-N-EFFECT • Hard or Smooth (BMG - LP/CD/K7) Novo disco da dupla de rappers Aqil Davidson e Markell Riley com participações especiais de Heavy D., Naughty by Nature e outros superstars.

MPB

ARA KETU • De Perpeti (EMI - LP/CD/K7) Novo disco de um dos mais tradicionais blocos afro da Bahia (*leia mais na página 59*).

BABY CONSUELO • Série Geração Pop (Warner - LP/CD/K7) Coletânea de sucessos da cantora: "Menino do Rio", "O que Vier Eu Traço", "Telurica" e outras ainda mais chatas.

BANDA PIMENTA NATIVA • Vou de Banda (EMI - LP/CD/K7) Mais um grupo baiano, com muito axé e aquela conversa toda.

BANDA RELOGIO • Na Levada do Tambor (BMG - LP/CD/K7) Samba-reggae, candomblé e lambada é a mistura de mais este grupo baiano.

BARÃO VERMELHO • Série Geração Pop (Warner - LP/CD/K7) Com "Beth Balanço", "Pense e Dance", "Pedra, Flor e Espinho" e outras.

BEBETO ALVES • Paisagem (Camerati - CD) Novo disco do cantor e compositor, com participações de Gerson Oliveira e Nanci Araújo

BELCHIOR • Série Geração Pop (Warner - LP/CD/K7) Com "Paralelas", "Medo de Avião" "Como Nosso Pais" e outras.

EDVALDO SANTANA • Lobo Solitário (Camerati - CD) O bluesero paulista mostra sua voz de fumaça em parcerias com Arnaldo Antunes, Paulo Leminski, Ademir Assumpção e Haroldo de Campos (*leia mais na página 14*).

FAUSTO FAWCETT E FALANGE MOULIN ROUGE • Basico Instinto (Sony - LP/CD/K7) Novo disco do filósofo de Copacabana, só que sem as louras de corpo inteiro. O show é bem mais legal (*leia mais na página 24*).

GUILHERME ARANTES • Serie Geração Pop (Warner - LP/CD/K7) Com "Planeta Água", "Deixa Chover", "Pedacinhos" e outras.

HEARTBREAKERS • So Vale se Dançar (Eldorado - LP/CD/K7) A orquestra paulista já fez coisas bem melhores. Caiu no popular e ficou meio fake: versões de salão para músicas de Caetano, Cavimmi, Djavan e outros.

KID ABELHA • Serie Geração Pop (Warner - LP/CD/K7) Trazendo "Como eu Quero", "Seu Espião" e outros sucessos do grupo carioca.

LEGIÃO URBANA • O Descobrimento do Brasil (EMI - LP/CD/K7) Sexto album de estudio da banda de Brasília, com "Perfeição" "A Fonte" e outras

LUIZ GONZAGA • Do Jeito que o Povo Gosta/Forro do Gonzagão (BMG - LP/CD/K7) Elba Ramalho, Gal Costa e Gonzaguinha, entre outros, interpretando os sucessos do Rei do Baião.

LUIZ MELODIA • Série Geração Pop (Warner - LP/CD/K7) Com "Pérola Negra", "Negro Gato" "Estacio Holy Estacio" e por aí vai.

LULU SANTOS • Serie Geração Pop (Warner - LP/CD/K7) Trazendo "Como uma Onda" "Adivinha o Quê", "Tesouros da Juventude" e outras.

MARINA LIMA • O Chamado EMI - LP/CD/K7) Novo disco da cantora carioca, com "Carente Profissional", "Eu Vio o Rei", "O Chamado" e outras.

NEY MATOGROSSO • Série Geração Pop (Warner - LP/CD/K7) Com "Rosa de Hiroshima" "Bandolero", "Homem com H" e outras.

OLODUM • O Movimento (Continental/Warner - LP/CD/K7) Novo disco do mais famoso bloco afro do mundo, que deixa pra trás alguns vícios deixantes do passado.

OSWALDO MONTENEGRO • Serie Geração Pop (Warner - LP/CD/K7) Com "Bandolins", "Agonia" e... chega.

PEPEU GOMES • Serie Geração Pop (Warner - LP/CD/K7) Com "O Vial é o que Sai da Boca do Homem", "Um Raio Laser" "Fazendo Musica, Jogando Bola" e outras.

RAUL SEIXAS • Serie Geração Pop (Warner - LP/CD/K7) Com "Ide a Mim Dada", "Mosca na Sopa", Rock n roll" e outras.

RENATA ARRUDA • Traficante de Ilusões (Warner - LP/CD/K7) Disco de estréia da cantora que já colocou musica em novela Bonitinha, mas ordinaria.

ROBERTO CARLOS (Sony - LP/CD/K7) Novo (?!) disco do Rei. A mesma coisa de sempre, com toques de nostalgia em "Se Você Pensa", dos tempos em que ele fazia rock.

RUMO • Quero Passear (Camerati - CD) Musica infantil tratada a moda do Rumo. Ganhou Prêmio Sharp como Melhor Disco Infantil. Proibido para maiores de 10 anos.

TETÊ ESPÍNDOLLA • Só Tetê (Camerati - CD) Novo disco da arara, interpretando Itamar Assumpção, Paçoca, Luli e Lucina, Tom Jobim, Chico e cia.

VÁRIOS • Clip Independente Vol. 1 (Brasil 2000 FM - LP) Coletânea promocional com dez novas bandas (Malaco Soul, Lara Handuska, Tres Hombres, Zero Vision, Mickey Junkies e outras) gravadas ao vivo no estudio da radio paulistana. O disco é sorteado entre os ouvintes.

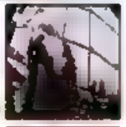
VÁRIOS • É Natal (Polygram - LP/CD/K7) Paulo Ricardo e RPM, Edmon, grupo Reggare e outros nomes do cast da gravadora interpretando canções natalinas.

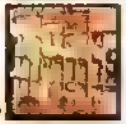
A BIZZ organiza este Index a partir dos lançamentos que chegam a redação até o dia 10 de cada mes. Nosso endereço é Av. Nações Unidas, 5.777, São Paulo (SP), CEP 05479-900

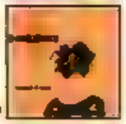
CHAPANTE · DA SONO · BATEU · BAD TRIP · LOMBRA · VINIL · CD · CASSETE

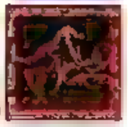
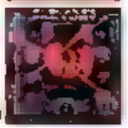
BOLSA DE DISCOS

Média	Disco	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]	[illegible]
7,20	DONALD FAGEN • *Kamakiriad* • Warner	6	9	7	9	7	6	•	10	9	9
6,90	PEARL JAM • *Vs* • Epic/Sony	8	7	8	7	8	7	7	4	7	6
5,60	BEZERRA DA SILVA • *Cocada Boa* • BMG-Ariola	•	8	6	8	4	7	5	2	8	8
5,60	RACIONAIS MC'S • *Raio X Brasil* • Zimbabwe	5	•	7	9	•	7	8	5	8	7
5,00	SHAGGY • *Pure Pleasure* • EMI-Odeon	6	9	5	7	1	•	•	7	9	6
4,60	D-INFLUENCE • *Good 4 We* • Warner	4	7	7	6	3	•	5	•	6	8
3,60	4 NON BLONDES • *Bigger, Better, Faster...* • Warner	5	5	•	4	4	4	8	1	3	2
3,40	RUSH • *Counter Parts* • Warner	6	•	•	3	1	7	6	5	6	•
2,50	GAROTOS PODRES • *Canções para Ninar* • Radical	•	•	•	7	•	8	•	3	7	•
2,10	FEAR FACTORY • *Soul of a New Machine* • Roadrunner	7	•	•	•	•	7	•	•	7	•







alta rotação

A REDAÇÃO RECOMENDA

A PolyGram descobriu [illegible] na seleção de bandas australianas pra coletânea *Summer Sun Hits* o **Mixed Relations**. É um som pra cima, australiano mesmo, quase popinho, mas que se safa na maioria das faixas. Ainda não há previsão de lançamento no Brasil. *O.R*

Frank Zappa escreveu cerca de 1.200 canções. Em *Zappa's Universe* (Verve/PolyGram) há 14 delas – "Brown Shoes Don't Make it", "Jazz Discharge Party Hats", "Inca Roads" e "Echidna's Arf", entre outras obras-primas – gravadas ao vivo durante a homenagem prestada ao compositor em novembro de 91, em Nova York. Apesar da participação de FZ ter se restringido à escolha do programa, este CD é parte integrante do Projeto-Objeto. Heim? O que é isso? Aqui está a oportunidade de saber. *L.G.*

Já disseram: há algo de pretensioso em toda obra que se pretende completa. Mas *Tougher than Tough/The Story of Jamaican Music* (PolyGram) quase consegue chegar lá. É uma caixaça de quatro CDs, com algumas das mais importantes gravações do cancioneiro popular jamaicano, de "Boogie [illegible] Bones" (**Laurel Aitken**, 1958) a "Murder She Wrote" (**Chaka Demus & Pliers**, 1992). É mais uma punhalada no meu já combalido toca-discos (acho que desta vez ele não escapa). Faça lobby com o cara da loja, porque a gravadora vai importar exemplares em número limitado. *O.R.*

A fita demo da **Easy Blues** (banda do quadrinhista Marcatti, autor da revista *RDP*) é uma delícia encharcada de (óbvio) blues do Mississippi e Ypióca. Doze músicas compostas por "Doc Dirty", "Little Boozer Marshall" e "Blind Lemon Herbert". A capinha (by Marcatti, claro) é uma atração à parte. Contatos: (011) 296-2960. *G.D.*

Rita Marley ou Rita Mala'? Hummm... A mais bem-sucedida das esposas do Rei da Jamaica (e mãe do Ziggy, por exemplo) se fez digna de um *Greatest Hits* (PolyGram), por hora encontradiço até nos grandes magazines (my Lord, eu me lembro que os balcões daqui sequer sabiam quem era o marido!). Mas pode ir fundo, é legal. *O.R.*

ARQUIVO PESSOAL

JUNIOR MARVIN (The Wailers Band)

Desde a morte de Bob Marley, ficou com Junior Marvin a missão de comandar a maior banda de reggae do mundo – os Wailers. O trampo exige um bom conhecimento de reggae e ouvidos abertos para todo estilo de música. Tarefa que, pelo visto ao lado, o bom e velho Junior tira de letra.

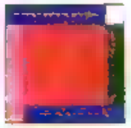
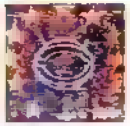
OS DEZ RECENTES

1. [illegible]
2. [illegible]
3. [illegible]
4. [illegible]
5. [illegible]
6. [illegible]
7. [illegible]
8. [illegible]
9. [illegible]
10. [illegible]

OS DEZ ETERNOS

1. [illegible]
2. [illegible]
3. STEVIE WONDER • [illegible]
4. ARETHA FRANKLIN • The Best Of [illegible]
5. [illegible]
6. [illegible]
7. [illegible]
8. [illegible]
9. LED ZEPPELIN • Led Zeppelin ('69) • [illegible]
10. [illegible]

LEITORES

Legal!!! Vocês leitores têm sido realmente exemplares: dessa vez não foi preciso se descabelar para conseguir apurar a parada. Esse mês, os Titãs e o seu *Titanomaquia* (Warner) desbancaram o U2 • *Zooropa* (PolyGram), que ficaram com a vice-presidência. O Spin Doctors • *Pocket Full Of Kryptonite* (Sony) vem com tudo na terceira posição. Empatados em quarto lugar aparecem Soul Asylum • *Grave Dancers Union* (Sony), Jorge Ben Jor • *Mestres da MPB* (Som Livre), Nirvana • *In Utero* (BMG-Ariola) e Caetano e Gil, que ainda mantêm seu *Tropicália 2* (PolyGram) na disputa. No oitavo posto, Kiss • *Alive III* (PolyGram), seguido de *Rage Against the Machine* (Sony) e New Order • *Republic* (PolyGram).

Apesar de as cartas estarem chegando com força total, a gente continua pedindo para que você mande sua relação de discos. Escreva já para a **Parada dos Leitores**. O endereço da BIZZ é Av. Nações Unidas, 5 777, CEP 05479-900, São Paulo (SP). Mas atenção: só valem os discos comprados nos últimos trinta dias, falô?

LOJAS

GERAL

1. [illegible]
2. [illegible]
3. [illegible]
4. [illegible]
5. [illegible]
6. [illegible]
7. [illegible]
8. [illegible]
9. [illegible]
10. U2 • Zooropa • PolyGram

INDIE

1. [illegible]
2. [illegible]
3. [illegible]
4. [illegible]
5. [illegible]
6. [illegible]
7. [illegible]
8. [illegible]
9. [illegible]
10. EDU LOBO • Corrupião • Velas

Lojas consultadas: [illegible]

PARADA

EUA

1. PEARL JAM • Vs • [illegible]
2. FRANK SINATRA • Duets • [illegible]
3. MICHAEL BOLTON • [illegible]
4. MEAT LOAF • [illegible]
5. COMMON THREAD • [illegible]
6. MARIAH CAREY • [illegible]
7. BRYAN ADAMS • [illegible]
8. TOM PETTY & THE HEARTBREAKERS • [illegible]
9. JANET JACKSON • [illegible]
10. [illegible]

GB

1. [illegible]
2. [illegible]
3. [illegible]
4. [illegible]
5. [illegible]
6. [illegible]
7. [illegible]
8. [illegible]
9. [illegible]
10. [illegible]

GB Indie

1. [illegible]
2. [illegible]
3. [illegible]
4. [illegible]
5. [illegible]
6. [illegible]
7. [illegible]
8. [illegible]
9. [illegible]
10. [illegible]

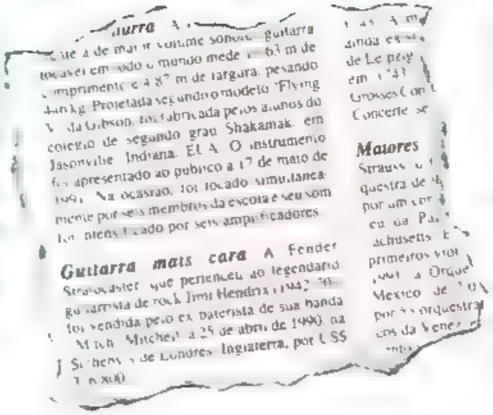
EUA College

1. [illegible]
2. [illegible]
3. [illegible]
4. [illegible]
5. [illegible]
6. [illegible]
7. THE OCEAN BLUE • Beneath the Rhythm [illegible]
8. THE WONDER STUFF • Construction for the [illegible]
9. KATE BUSH • [illegible]
10. LEMONHEADS • [illegible]

NAS BANCAS E LIVRARIAS

SE LIGA NESSA

...cê sabia que a maior guitarra tocável em todo o mundo mede 1,63 m de comprimento e 4,87 m de largura, pesando [illegible] quilos? E que a guitarra mais cara do [illegible] é uma Fender Stratocaster que pertenceu a Jimi Hendrix, vendida pelo ex-baterista de sua banda, Mitch Mitchell, por US$ [illegible]? ...essas informações e

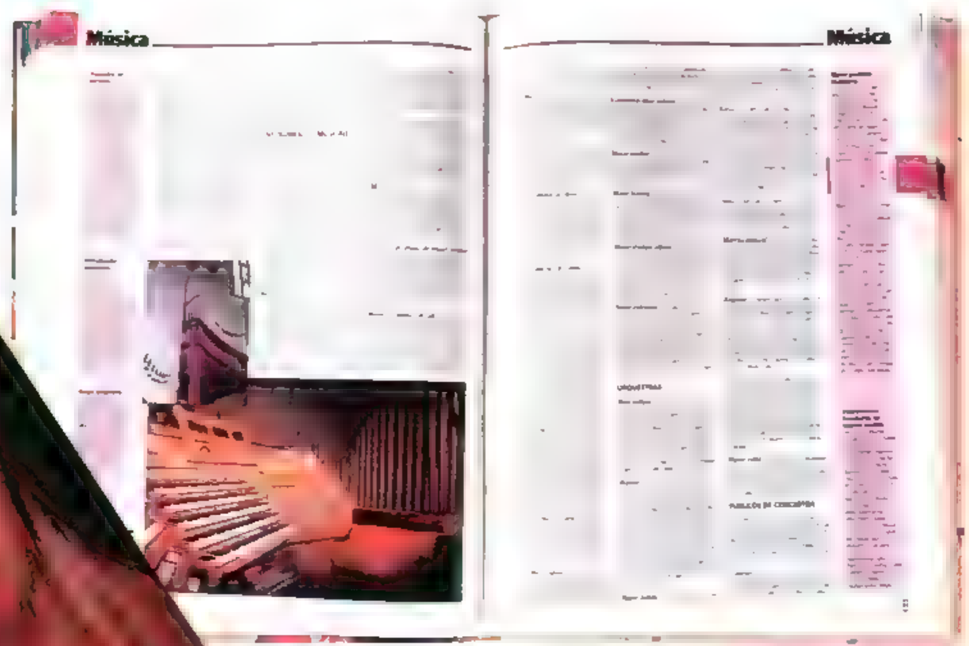

...urra ... guitarra ... de maior volume sonoro ... tocável em todo o mundo mede 1,63 m de comprimento e 4,87 m de largura, pesando ... kg. Projetada segundo o modelo "Flying V" da Gibson, foi fabricada pelos alunos do colégio de segundo grau Shakamak, em Jasonville, Indiana, EUA. O instrumento foi apresentado ao público a 17 de maio de 1991. Na ocasião, foi tocado simultaneamente por seis membros da escola e seu som foi ... por seis amplificadores.

Guitarra mais cara A Fender Stratocaster que pertenceu ao legendário guitarrista de rock Jimi Hendrix (1942-70) foi vendida pelo ex-baterista de sua banda, Mitch Mitchell, a 25 de abril de 1990, na Sotheby's de Londres, Inglaterra, por US$ ... 000.

... ainda ... de Le ... em 1743 ... Grosses Con... Concerte ...

Maiores Strauss ... questra de ... por um ... da Pa... chusetts, E... primeiros viol... 1991, a Orque... México, de ... por ... orquestra... da Venez...

uma infinidade de outras estão no Guinness 94. São mais de 10 mil recordes nacionais e mundiais em áreas como artes, ciência e tecnologia, esportes, negócios, transportes, seres vivos, terra e espaço, façanhas e entretenimentos. Guinness 94. Tem ... uma grande sacada.



SE PREFERIR PEÇA POR TELEFONE
0800-11-7377
(Ligação gratuita de qualquer lugar do Brasil)
8:00 às 20:00 de 2ª à 6ª e 9:00 às 14:00 de sábado.

ZONA FRANCA

O MOTOR DO UNIVERSO

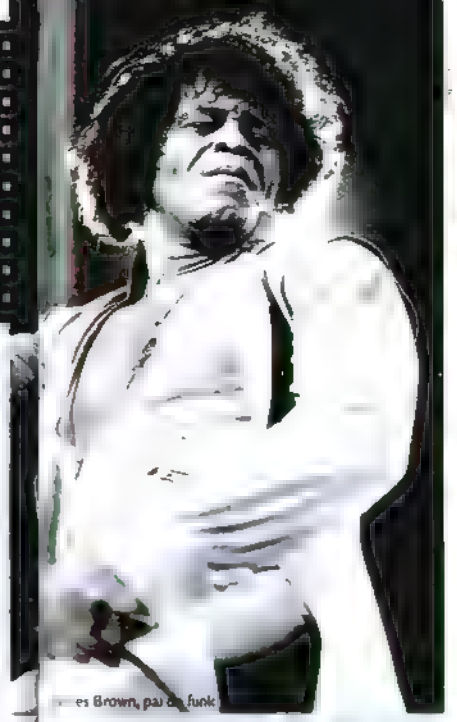
O funk é o motor do universo, o segredo acessível aos feirazdos que conseguem um contato com a Conexão Nave-Mãe dos black brothers do espaço exterior. "Funk" é também uma gíria americana para o nosso bodum, o cheiro característico deixado pelo crioleu após algumas horas sem intervalo na pista de dança. A Conexão agora ficou mais fácil com esses cinco CDs (vendidos separadamente) da Rhino, quase cinco horas de terremoto sonoro, 75 faixas muito bem escolhidas com 47 intérpretes. A coletânea começa com — quem mais? — **James Brown** gravando "Sex Machine" entre os caipiras de Nashville, em abril de 1970, e termina com o último hit dessa

THE HISTORY OF FUNK

VOL. 1

época de ouro, o funk-árabe (!) "More Bounce to the Ounce", com o **Zapp**, dez anos depois. São os dez anos em que a cozinha toma o poder, o baixo e a bateria tornam-se os instrumentos principais do estúdio, e alguns tabus intocáveis do pop são quebrados.

Os cinco CDs mostram a evolução de um gênero que na verdade nasceu em 1965 e se tornou uma das duas ou três influências mais poderosas da música pop contemporânea, apesar de todo o desprezo e boicote da mídia racista. O funk é filho do rhythm & blues (via soul music) com o alto volume (e a "expansão da consciência") do rock psicodélico. A coletânea traz várias faixas da Santíssima Trindade do funk — James Brown (e seu soberbo saxofonista Maceo Parker), o conglomerado


James Brown, pai do funk

Parliament/Funkadelic de **George Clinton** e **Sly & The Family Stone** (que, afinal, estava em Woodstock). Lá estão os representantes da soul music mais tradicional (**King Floyd, Marvin Gaye, Curtis Mayfield**). Lá estão as grandes bandas metalizadas como **Kool & The Gang, Graham Central Station, Tower of Power, B.T. Express, Earth, Wind & Fire** e os escoceses (!) da **Average White Band.** Existem surpresas também como as fases claramente funkeiras de **Chaka Kahn, Tina Turner** e até **Natalie Cole**, isso sem contar uma faixa extra pesada dos reis da baba Temptations.

As influências "externas" podem ser notadas no funk-reggae do **Rufus**, no funk caribenho de **Fatback** e no toque de jazz do ex-Mother of Invention **George Duke**. Agora, se você pensa que se trata de uma coletânea "nostálgica", não se esqueça de que todos esses sons estão hoje no ar, sampleados por artistas do rap e afins. É curioso também observar como um grupo obscuro como o **Wild Cherry** contribuiu para o funk-metal do Red Hot Chili Peppers.

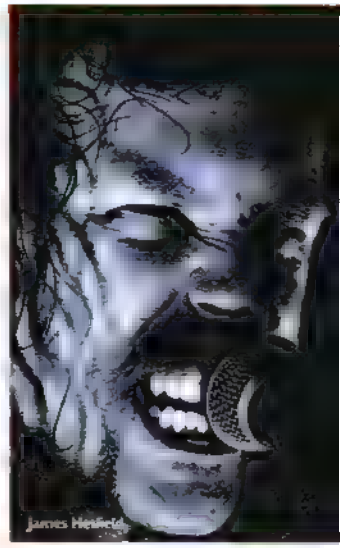
Teses históricas à parte, *In Yo'Face* é difícil de se ouvir sentado, e serve de antídoto ao bum-taka-bum sem imaginação da dance music de hoje. Fora isso a qualidade de som (provavelmente ADD) está excelente. O que se pode querer mais? DAGOMIR MARQUEZI

O ADEUS DO METALLICA

Dois registros ao vivo da maior banda de heavy metal do mundo, que promete voltar à ativa só no ano que vem. *Four Horsemen* é uma caixa contendo três CDs piratas, gravados durante um show em abril de 92. O som é meio abafado, mas está entre os melhores bootlegs do gênero. Um dos bons momentos do show se dá durante o solo de bateria de Lars Ulrich. Além de tocar em cima do "fuck you" pronunciado pelo público, a banda puxa versões zoadas de "Mistreated" "Smoke on the Water" (Deep Purple) e "War Pigs" (Black Sabbath).

O baú *Live Shit* é um projeto mais ambicioso (e mais caro) da banda. O pacote também vem com três CDs e mais três vídeos. As fitas capturam o Metallica em apresentações no México (um pouco antes de chegar ao Brasil) e um show de 1989, em Seattle, durante *...And Justice for All*, a turnê anterior dos caras. *Live Shit* ainda traz um livreto de 72 páginas, uma máscara para estampar sua camiseta e um a tatuagem do Metallica.

SÉRGIO MARTINS


James Hetfield

O veneno do Mad Cobra

OS REIS DA JAMAICA

Hoje na Jamaica o reggae é dominado pelos Djs, uma garotada de cabelos curtos que passa longe dos ensinamentos rasta. Suas letras, ao invés de criticar o sistema, falam de como é legal ter boas roupas, um carrão e zoar com a mulherada. E a cada dia os estúdios da terrinha despejam seguidores dessa nova onda, como mostra o novo volume da coleção *Strictly the Best*. Em meio à falação e os beats eletrônicos desse novo tipo de reggae, pode-se garimpar talentos natos como **Terror Fabulous** e **Bounty Killer**, além do cantor **Wayne Wonder**. Ou, melhor ainda, descobrir trabalhos de **Mad Cobra** e **Buju Banton** (este com o hit "Good Looking Gal") antes de se tornarem superstars maximos da linha caribenha. **S.M.**

FFD VIDEO CREW

ROLLING STONES

Gimme Shelter
Polygram, 93, direção, David Maysles, Albert Maysles e Charlotte Zwerin, 83 min, VHS, hi-fi estéreo.

S m, *Gimme Shelter* é o filme do famoso concerto de Altamont onde um cara é morto pelos Hell's Angels enquanto, no palco, os Stones detonam "Under my Thumb". A fita começa pelo final, com Charlie Watts e Mick Jagger fazendo um balanço da desgraça. Depois mostra o papo hippie de "paz e amor" ser destruído a cacetadas por motoqueiros mal encarados.

Gimme Shelter também traz, com detalhes, a organização de um show que tinha tudo pra dar errado (tem até cachorro passeando pelo palco e tenda pra venda de drogas). O público se chapa desde cedo, esperando pela chegada de Mick Jagger & Cia. Os Hell's Angels (por ironia do destino responsáveis pela segurança do show) exibem a delicadeza de um elefante, tratando todo mundo na base da pancada. Marty Balin, vocalista do Jefferson Airplane, tenta acalmar os ânimos da platéia e acaba levando a dele.

Por fim, chegam os Stones e a coisa entorna de vez. Na abertura, com "Simpathy for the Devil", o pau come solto. "Sempre acontece algo estranho quando a gente canta esta música", desculpa-se Jagger.

O vocalista pede paz, não é obedecido e, por poucas vezes, mostra estar morrendo de medo. A desgraça que veio a seguir quase acabou com a carreira dos Stones.

Fora isso, *Gimme Shelter* traz boas cenas de outros shows dos Stones, como um no Madison Square Garden, além de participações de Jefferson Airplane, Tina Turner (fazendo um *felatio* no microfone) e Flying Burrito Brothers. Uma curiosidade: no meio da platéia deve ter pelo menos uma dezena de sósias do vocalista do Spin Doctors.

SÉRGIO MARTINS

THE CURE

show
Polygram, 93, direção: Aubrey Powell, 120 min, VHS, hi-fi estereo

Quem se lembra dos anos 80? Os 80's eram de Robert Smith e trupe. The Cure, lembram? A chapação melancólica angustiada e solitária de Bob rendeu alguns dos clássicos de nossa juventude.

Mas desanimamos. Problemas internos desgastaram o Cure, e trocamos Bob pelo noise do Jesus & Mary Chain. So que o Cure sobreviveu sem a gente, e agora está lançando, em CD e fita de vídeo, mais um ao vivo show (assim mesmo, sem maiuscula). Lá fora, sai também o CD Paris, um ao vivo menos óbvio.

Show comemora 15 anos de estrada. São 24 musicas filmadas por 16 câmeras, em cor e sépia estourado, em Detroit. O repertório vai de hits óbvios ("In Between Days", "Boys don't Cry") a pérolas esquecidas ("A Night like This", "Primary"). Muitas musicas mais recentes (de *Wish* e *Disintegration*). Algumas antigas, de períodos vários. Muitas musicas antigas desvigoradas por arranjos que abusam dos teclados de Bamonte.

Só para fãs.

GABRIELA DIAS

THE WHO

Who's Better Who's Best
Polygram, 93, compilação, VHS, mono e estereo

O Who foi uma banda que - negando o refrão de "My Generation", que dizia "espero morrer antes de ficar velho" - preferiu envelhecer a ter um fim digno (basta ver o eterno retorno aos palcos dos caras). Graças a Deus, boa parte deste *Who's Better Who's Best* traz a melhor fase da banda, quando o loucaço Keith Moon comandava as baquetas e destruía tudo à sua frente. Naquela época, o guitarrista Pete Townshend não estava gagá e Roger Daltrey se preocupava apenas em cantar. A coletanea traz ao todo 16 musicas, que não obedecem a nenhuma ordem cronologica, tiradas de programas de TV e shows em botecos enfumaçados. Dá para conferir de coisas manjadas como "Pinball Wizard" e "See me, Feel me" a imagens inéditas de "My Generation" e "The Kids are Allright". Pontos altos: a explosiva versão ao vivo de "We Won't Get Fooled Again" e "Pictures of Lily", que na época foi considerada uma ode discreta à masturbação. Pisada, "You Better You Bet" em que o Who, sem um pingo de tesão e vontade, tem como baterista o burocrático Kenney Jones.

S. M.

Quem lê a revista Contigo! tem um SUPERTESOURO nas mãos.

CONCORRA. VOCÊ PODE GANHAR TODA SEMANA!

Se ler a revista *Contigo!* já é gostoso, participar do SUPERTESOURO é demais. Uma novidade que está agitando o Brasil e já virou mania nacional. Por isso, participe você também conferindo os números do seu cartão toda semana nas páginas da revista *Contigo!* Você pode ganhar prêmios sensacionais como eletrodomésticos, carros importados, móveis, relógios e muito mais. Concorra. Você vai adorar!

SUPERTESOURO REVISTA Contigo!

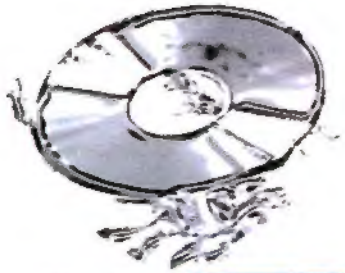
TODA SEMANA NAS BANCAS

EDITORA AZUL

TENHA SEU CARTÃO SEMPRE COM VOCÊ.
ELE VALE PRÊMIOS ATÉ MARÇO DE 94!

PROCOMP mazda SANYO CONSUL SEMP SEIKO PHILCO SINGER
TOKYO DYNACOM ARNO PLAYBOY PHILIPS VANHKA PHONY PHILCO

* Vales-compras Top Premium.



D&B

discoteca básica

ALICE COOPER
Killer

PERFORMANCE

Lançamento: 1971. **Produção:** Bob Ezrin. **Faixas:** "Under my Wheels", "Be my Lover", "Halo of Flies", "Desperado", "You Drive me Nervous", "Yeah, Yeah, Yeah", "Dead Babies", "Killer". **Notas:** A serpente da capa não era outra senão Kachina, a jibóia de estimação de Neal Smith. Na primeira prensagem em vinil, Killer vinha com um calendário de 1972, cuja "pin-up" era Alice, pendurado em uma forca. Quando lançado, o disco vendeu mais de 500 mil cópias apenas nos Estados Unidos. Disponível em CD nos EUA, Inglaterra, Alemanha e Japão. No Brasil, foi editado somente em LP, hoje fora de catálogo.

Março de 73: durante uma vernissage nas galerias Knoedler, em Nova York, Salvador Dali desvela para o mundo seu holograma do Alice Cooper. A obra em 3D também inclui um cérebro humano, um dos famosos "relógios flácidos" de Dali e uma bomba de chocolate – para o artista, símbolos do som do grupo. No meio da festa, alguém pergunta a Alice se Dali tinha ouvido seus discos. "Não tenho a mínima idéia", retrucou o cantor. "Mas o que adoro em Dali é que ele não faz sentido. Ele me disse que queria fazer nosso holograma porque éramos as pessoas mais confusas que já tinha visto. Esta é a única coisa que temos em comum: confusão."

Tia Alice pôs a América de quatro com um disco matador

É que confusão para lá de surreal Alice Cooper instalou na cena musical americana, no começo dos anos 70. Mais que o V.U., os Stooges, Kiss ou os New York Dolls, foram eles – Alice Cooper (aliás, Vincent Furnier, vocal), Michael Bruce (guitarra), Glen Buxton (guitarra), Dennis Dunnaway (baixo), Neal Smith (bateria) – quem melhor souberam tirar proveito do ethos decadente que envolvia primitivismo sonoro, violência estetizada e ambigüidade sexual. Seus integrantes privilegiavam o choque: nos shows, o grupo – antecipando em décadas a podreira dos RevCo e Gwar – promovia esquartejamentos, vestia camisas-de-força, matava animais, esmagava bonecos a machadadas. Mas o que atiçava mesmo os fãs era o clímax, com o enforcamento do próprio Alice; um ato grand-guinolesco bolado depois que a banda leu uma reportagem sobre o corredor da morte e ficou sabendo que as pessoas lá presentes freqüentemente tinham orgasmos involuntários ao final das execuções.

O potencial de AC acabou sendo farejado pelo empresário Shep Gordon, que assinou a banda ao então recém-criado selo Straight, de Frank Zappa. É verdade que os primeiros discos – *Pretties for You* (69) e *Easy Action* (70) – não eram lá grande coisa, mas uma correção de percurso levou os caras de L.A. para Detroit. E aí aconteceu: após um trabalho legal com o produtor Bob Ezrin em *Love it to Death* (71), Alice Cooper pôs a América de quatro com *Killer*.

Inicialmente incensado pelo finado Lester Bangs, o registro terminou relegado a um segundo plano pela crítica ortodoxa. Mas qualquer sujeito cujos tímpanos vibrem pelo rock & roll em estado bruto não tem como negar: pouquíssimas vezes um grupo logrou arrancar dos instrumentos uma música tão furiosa e desatinadamente visceral quanto a que se ouve em *Killer*. Com um drive hipomaníaco, "Under my Wheels" abria o disco imprensando os remanescentes da love generation contra os pneus de um cadillac cor-de-rosa. "You Drive me Nervous", "Yeah, Yeah, Yeah" e "Be my Lover" traziam riffs de guitarra lapidares – talvez os melhores que Keith Richards jamais tocou. Já a cinematográfica "Desperado" mesclava trilhas de western com a saga de um *serial killer* que cantava seus crimes se afogando em sangue.

Ainda mais bizarras são "Halo of Flies" e "Dead Babies". Enquanto esta última pode ser vista hoje tanto como uma ode à necrofilia quanto a precursora das canções antiabuso infantil da história, "Halo..." (que batizou um grotesco power-trio da gravadora independente Amphetamine Reptile) sugere um passeio de olhos vendados por uma montanha-russa, tal a alternância vertiginosa de suas múltiplas passagens melódicas – que vão de um subderivado trash da abertura de "Tommy" até a folia circense. O tiro de misericórdia é dado pela faixa-título e sua fúnerea coda, marcando os passos de um condenado rumo ao cadafalso. Um disco "matador", com toda certeza!

ARTHUR G. COUTO DUARTE

REGGAE RAIZ, PARABÉNS!

São 6 anos acalmando suas mentes pensantes e levitando seus pés dançantes
REGGAE RAIZ aqui na sua *Raggamuffin College Radio Brasil 2000 FM 107,3*
o primeiro e único com a dupla mais *rudi in a dial*
Jai Mahal & China Kane tramando a revolução em silêncio
Terças e quintas, às 21h

contatos: Shows, festas e outros
Programa Reggae Raiz - Rádio Brasil 2000
R. Pedro Soares de Almeida, 74 Cep 05029030 Pompéia SP Tel.: (011) 872-7272 Fax (011) 262-3012
Jai Mahal Records & Producões - R. Wisard, 565 Cep 05434080 V. Madalena SP
China Kane Records & Produções - R. Gabriel Covelli, 128 Cep 02533000 Casa Verde SP

Realização: Brasil 2000 FM *Apoio:* Bad Boy Club / Revista Bizz / Revista Fluir

"PORQUE ELES NÃO TÊM CÉREBRO...?"

Mais uma vez sinto vergonha da juventude brasileira: primeiro, se deixou manipular de forma absurda no episódio do impeachment, saindo às ruas com caras pintadas e falando tanta besteira que chegava a doer (aliás, depois da minissérie global "Anos Rebeldes", se não houvesse fato político contra o qual protestar, os jovens sairiam às ruas para pedir a volta da ditadura, só pra poderem copiar seus heróis televisivos); agora, houve essa manifestação imbecilóide de histeria por causa desses astros internacionais (Madonna, Michael Jackson etc.).

É de chorar assistir à falta de amor próprio que a juventude demonstra ao deixar-se humilhar daquela forma diante das câmeras de TV e dos hotéis em que os astros se hospedam. Só posso lamentar, cada vez mais, a ausência de cérebro na cabeça do jovem tupi-guarani.

Marco Antônio F. Ribeiro
Manaus/AM

"Ausência de cérebro" é um pouco de exagero. Verdade que o pessoal andou exagerando no porta dos hotéis, mas... Não era só jovem que oava lá onrando a roupa. Tinha muito marmanjo também...

FÃS DOS ENGENHEIROS

Sou fã há pouco tempo dos Engenheiros do Hawaii. Já mandei duas cartas p/ a eles. Na segunda, eles pediram para eu escrever para a revista BIZZ, pedindo uma matéria. Eles também disseram pra eu ligar pra rádio da minha cidade e pedir uma música dos Engenheiros. Eu sinceramente não entendi, mas tudo bem.

Rejane Reis M. Lima
Cidade Ocidental/GO

Eu vejo que esse tal de Alexandre Rossi, metido a crítico, não entende nada de música. Como pode falar mal de uma obra de arte que os Engenheiros fizeram?! Tinha que ser expulso da revista!

Ah! Eu queria agradecer a foto autografada que o Humberto me mandou. Valeu, Humberto!

Marcelo Augusto Fernandes
São Paulo/SP

Então é assim que a coisa funciona...

MASSAGEANDO NOSSO EGO

Saibam que a revista está ótima. Quero elogiá-los pela matéria com o Sepultura, com o Ozzy e, principalmente, com o Pearl Jam. Vocês estão demais! Sou assinante e espero continuar assim pra sempre...

Silvana Costa
São Bernardo do Campo/SP

Sou apaixonada por vocês. Leio a BIZZ desde 1900 e bolinha. Gostei tanto da matéria com o Pearl Jam que até chorei...

Continuem assim, pois vocês são o máximo e a revista está melhorando cada vez mais.

Fernanda da Hermínio
Taboão da Serra/SP

MAIS BANDAS BRAZUCAS

Alô, BIZZ! Escrevo para pedir que vocês façam mais matérias sobre bandas nacionais de rock, tais como o PUS, Grafoméia Xilarmônica etc.

Jonas F. Santos
São Paulo/SP

Vocês deveriam fazer uma matéria sobre as bandas de Brasília. Os caras do Little Quail têm razão quando dizem que as melhores bandas do Brasil estão aqui: além de Raimundos, Oz, Low Dream e DFC, existem muitas outras ótimas!

Raphael F. Santos Rocha
Brasília/DF

Fiquem ligados, Jonas, Raphael e demais leitores, porque agora a BIZZ tem um espaço só para as bandas novas brasileiras (principalmente as de rock): a coluna Garagem.

QUERENDO BJÖRK

A única palavra para descrever o trabalho novo de Björk (Debut) é maravilhoso. "Human Behaviour", que anda tocando por aí, é só um pequeno exemplo do que é o disco. Aquilo tudo não é uma programação de bateria, nem uma base de teclado - é Deus em forma de música.

Suami C. de Oliveira Jr.
Recife/PE

Aguarde, Suami, porque Björk já está na nosso mira.

KIM CARNES NÃO MORREU

É com desconforto que nós, fãs da cantora norte-americana Kim Carnes, vimos protestar contra o desprezo com que os editores da BIZZ vêm tratando a referida cantora.

Desde o lançamento da revista, os discos de Kim Carnes nunca receberam um tratamento adequado. O pior de tudo foi quando omitiram o tripiatinado *Mistaken Identity* do guia *Clássicos do Rock em CD*, e ainda confundiram o nome da cantora com uma outra (Bonnie Tyler), na página 238 desse mesmo guia (quando se fala do disco *Flashdance*).

Guilherme Machado Corrêa
Rio de Janeiro/RJ

Obrigados pelo fanzine Kim's Magazine e desculpas pelos erros.

NÃO SOMOS PAPAI NOEL

Eu não gosto de churumelar (enrolar), então vamos logo ao assunto.

Eu sou fã do AC/DC, mas não tenho nenhum poster deles. Por isso, eu gostaria de ganhar um poster deles atualmente, e um outro de 77.

Se possível, eu gostaria que vocês também mandassem uma camiseta do AC/DC para mim. Tenho 1,50m e onze anos de idade.

André Luiz Yoos Budal Arins
Joinville/SC

Oi! Eu gosto muito dos Ramones, e por isso peço que vocês aí da revista BIZZ me mandem fotos, letras traduzidas e matérias sobre a banda.

Rodolfo Andrade Martins
São Paulo/SP

A BIZZ não fornece nenhum tipo de material para os leitores, a não ser em caso de promoções.

PESO E TATOOS

Gostaria de sugerir que falassem mais das bandas de metal de grande sucesso, como Alice in Chains, Nirvana etc., sempre mostrando fotos das tatuagens dos músicos. Acredito que os leitores jovens vão se amarrar.

Claudinei Chamorro Pelegrina Jr.
Vitória/ES

Claudinei, veja no HOT BIZZ (nosso caderno de verão) as tatuagens mais crocantes, e onde fazê-las.

AGRADANDO À VISTA

Cara, o visual da BIZZ tá demais! Espero que continue sempre inovador e diferente do monte de besteira que se faz por aí.

Michel Silva
São Paulo/SP

ESCREVA PARA: Revista BIZZ, a/c Cartas, Av. Nações Unidas, 5777, São Paulo/SP, 05479-900, Brasil. Mande suas opiniões, críticas e sugestões. Sua participação é importante.

EDITORA AZUL

Fundador VICTOR CIVITA (1907-1990)

Diretoria Angelo Rossi, Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor - Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Editor-Chefe: Otávio Rodrigues
Editor Especial: [illegible]
Editor de Arte: Richard Kovács
Editor-Assistente de Arte: [illegible]
Repórter Sênior: Lu Gomes
Coordenador de Produção: [illegible]
Diagramador: [illegible]
Correspondentes: [illegible]
Colaboradores - Texto: [illegible] **Fotos:** [illegible] **Arte:** [illegible] **Ilustrações:** [illegible]

PUBLICIDADE

Diretor de Publicidade: [illegible]
Supervisores de Contas: [illegible]
Gerente: [illegible]
Contatos: [illegible]
Marketing Publicitário: [illegible]
Coordenadores: [illegible]

COMERCIAL

Diretora: [illegible]
Gerente de Planejamento e Controle: [illegible]
Gerente de Produto: [illegible]
Gerente de Promoções: [illegible]

Diretor Administrativo e Financeiro: [illegible]
Azul Press-Gerente: [illegible]
Operações Editoriais: [illegible]
Diretora Responsável: [illegible]

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **(ISSN 0104-1649**, edição 102, janeiro de 1994). **São Paulo - Redação e Correspondência:** [illegible] **Rio de Janeiro:** [illegible] **Distribuidor em Portugal:** [illegible] **Assinaturas:** [illegible] **Números atrasados:** [illegible]

ANER **Serviço ao assinante:** [illegible] IVC

Fotolito: [illegible]
IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

CONTIGO
Atualidades - TV

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

SET
Cinema e vídeo

SET 1000 VIDEOS
Seleção dos Melhores Vídeos

OS CAMINHOS DA TERRA
Viagens, Aventuras e Ecologia

FLUIR
Surf

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

HORÓSCOPO
Astrologia

HORÓSCOPO ANUAL
Previsões

SAÚDE E VITAL
Prevenção e Saúde

CARÍCIA
Comportamento Jovem

AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: [illegible]
Rio de Janeiro: [illegible]
Los Angeles (EUA): [illegible]
Nova York: [illegible]
Paris: [illegible]

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: [illegible]
Campinas: [illegible]
Minas Gerais: [illegible]
Paraná: [illegible]
Rio Grande do Sul: [illegible]
Santa Catarina: [illegible]

MAIS CINEMA. MAIS VÍDEOS.

LEIA SET

Sua revista de cinema e vídeo.

NAS BANCAS

EDITORA AZUL

BIZZ Apresenta

THE CANNIBALS

Livingstone Nacaxa Jakamole

HOJE! THE CANNIBALS

A ESTRÉIA DOS ÇANNIBALS NO *AEROFANTA* NÃO FOI LÁ GRANDE COISA. A MÚSICA ERA UMA BOSTA – SE É QUE PODEMOS CHAMAR AQUILO DE "MÚSICA"...

MAS, NESTES TEMPOS *EMETELEVISIVOS*, O VISUAL RASTA-BAGAÇA-CANIBALESCO FOI UM ARRASO, ESPECIALMENTE DIANTE DE GENTE QUE VAI A SHOWS SÓ PARA *VER* E SER VISTA E NÃO PARA *VER/OUVIR*.

DEPOIS, OS CANNIBALS APARECERAM NUMA "REVISTA ESPECIALIZADA" E...

THE CANNIBALS

...ENTRE UMA CHEIRADA E OUTRA, UM PRODUTOR DE UMA GRANDE GRAVADORA TEVE A IDÉIA DE LANÇAR O TRIO DE IDIOTAS. DAÍ QUE O PÚBLICO MAIS UMA VEZ ENGOLIU A SALCHICHA FILOSÓFICA DO MARKETING POR CORRESPONDÊNCIA.

EM MAIS UM CAPÍTULO DA SAGA "A BUSCA DA PRÓXIMA GRANDE COISA", A GRANDE ARTE FOI DERROTADA.

DEPOIS DE VENDER UM MILHÃO DE DISCOS, OS CANNIBALS SE DESFIZERAM...

LIVINGSTON PEGOU O POUCO DINHEIRO QUE GANHOU, ABRIU UMA BARRACA DE CACHORRO-QUENTE E FOI À FALÊNCIA.

O PARADEIRO DE JAKAMOLE É DESCONHECIDO. O GORDO JAKA FOI VISTO PELA ÚLTIMA VEZ, POBRE E CAÍDO, BEBAÇO, NA PORTA DE UM ESTÚDIO EM KINGSTON, JAMAICA.

QUANTO A NAÇAXA, DIZEM QUE FOI ELE O CÉREBRO POR TRÁS DO FRACASSO DAS PARTITURAS EM BRAILLE.

OS DISCOS GRAVADOS PELOS CANNIBALS VIRARAM *ÍCONES* PARA COLECIONADORES E SÃO NEGOCIADOS POR UMA BOA GRANA.

É O FIM...

Roteiro: Lugomah / Arte: Speto

DOENTE POR ROCK'N ROLL ?

AEROSMITH

É A CURA.

Seu rockstar favorito lhe deixou doente com escândalos sexuais, crises de estrelismo e sucessos pré-fabricados? Dr. Tyler recomenda tratamento intensivo à base de ROCK'N ROLL.

AEROSMITH.

Cura completa e garantida com quatro medicamentos:

Get A Grip
incluindo:
Cryin'
Livin' On The Edge

Pump

Done With Mirrors

Permanent Vacation

BMG

GEFFEN

©KLAUS MITTELDORF LOJAS EXCLUSIVAS (011) 828 4288